

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Dra. Ayano Shinzato pelo seu contributo. Um especial obrigado à minha família pelo constante apoio e incentivo. Por último agradeço aos meus amigos, Catarina Batista, Anthímio Damião e Ana Rita Afonso pela enorme ajuda e paciência.

# **HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA NO JAPÃO E AS PROBLEMÁTICAS DO SEU ENSINO**

**SARA MARGARIDA RUANO GIL**

## **RESUMO**

**PALAVRAS – CHAVE:** Portugal, Japão, Ensino, Língua Estrangeira, Manuais de PLE

A presente dissertação aborda o ensino do português no Japão. Para tal, sentimos a necessidade de fazer uma contextualização, falando das relações entre Portugal e o Japão desde os primeiros portugueses a pisarem terras nipónicas até ao ensino da língua portuguesa na actualidade e problemáticas do mesmo.

Iremos, ainda, analisar os conteúdos culturais de dois manuais de PLE e reflectir sobre a adequabilidade dos mesmos para aprendentes japoneses de língua portuguesa.

# **PORTUGUESE LANGUAGE HISTORY IN JAPAN AND ITS EDUCATION ISSUES**

**SARA MARGARIDA RUANO GIL**

## **ABSTRACT**

**KEYWORDS:** Portugal, Japan, Teaching, Foreign Language, PFL Textbooks

This dissertation addresses the Portuguese teaching in Japan. To this end, we start with a contextualization. We will talk about the relations between Portugal and Japan since the first Portuguese people set foot in Japanese territory. We will also discuss the Portuguese language teaching at present and its problems.

We will as well analyse the cultural content of PFL textbooks and reflect on its suitability for Japanese learners of Portuguese.

## ÍNDICE

Introdução.....	1
Capítulo I: História e Situação da Língua Portuguesa no Japão.....	4
I.1. A Presença do Português no Japão.....	4
I.2. Termos Portugueses na Língua Japonesa.....	12
I.3. Termos Japoneses na Língua Portuguesa.....	21
Capítulo II: O Ensino do Português no Japão.....	27
II.1. A Língua Portuguesa no Japão.....	27
II.2. Dificuldades dos Estudantes Japoneses no Processo de Aprendizagem do Português.....	30
II.3. Problemáticas do Ensino da Língua Portuguesa no Japão.....	33
Capítulo III: A Importância da Cultura na Aula de Língua Estrangeira .....	36
III.1. História do Ensino/Aprendizagem de LE.....	36
III.2. Conceito de Cultura.....	41
III.3 O Ensino da Cultura na História da Didáctica de LE.....	43
III.4. Análise de Manuais de PLE – Conteúdos Culturais.....	47
Conclusão.....	51
Bibliografia.....	53
Índice de Anexos.....	59

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

**TUFS:** Tokyo University of Foreign Studies

**IPOR:** Instituto Português no Oriente

**PE:** Português Europeu

**PB:** Português do Brasil

**LM:** Língua Materna

**LE:** Língua Estrangeira

**PLE:** Português como Língua Estrangeira

**QECR:** Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas

## INTRODUÇÃO

O objecto de estudo desta dissertação é a Língua Portuguesa no Japão. Para tal, não podemos deixar de abordar temas como a história, a cultura e a educação.

Como sabemos, desde cedo a cultura portuguesa e japonesa estão interligadas, pois fomos o primeiro povo ocidental a pisar solo nipónico, o que nos permite ter um lugar de destaque, tanto na história ocidental como na história oriental.

A presença da língua portuguesa no Japão está dividida em três momentos. O primeiro, conhecido também como século Namban vai desde a chegada dos primeiros portugueses ao país do sol nascente, em 1542 ou 1543, até à sua expulsão em 1639. Durante este primeiro momento, os portugueses influenciaram o povo japonês em vários aspectos, na pintura, na arte decorativa, na arquitectura, na música, na medicina, no urbanismo, nas ciências náuticas, na geografia, na ciência militar, na astronomia e, por último, na língua. Segundo vários estudiosos a nossa língua era aprendida nos templos budistas japoneses. No século XVI e XVII eram utilizadas milhares de palavras de origem portuguesa na língua japonesa.

A chegada dos portugueses deu origem ao período do comércio Namban, durante o qual se deu uma intensa interacção tanto a nível económico como religioso. Como qualquer outra conquista portuguesa da época, a principal missão era a cristianização, a qual registou um sucesso em terras nipónicas, mas tal sucesso foi fugaz, pois coincidiu com a reunificação política do império e o xogunato Tokugawa desenvolveu uma acção contra o cristianismo, não só aos ocidentais, mas também aos japoneses que se tinham convertido. Os missionários cristãos foram expulsos em 1614, mas o comércio foi proibido só em 1639, aquando da expulsão de todos os ocidentais do país.

Em 1860 há um restabelecimento das relações diplomáticas entre Portugal e Japão, dando-se uma troca de personalidades culturais entre os dois países. Começou assim o segundo período da presença do português no país do sol nascente.

Em 1868 o Japão acolhe, no seu sistema educacional, o ensino da língua estrangeira.

Em 1916 ou 1919 foi elaborado o primeiro curso de português na Universidade de Estudos Estrangeiros de Tóquio.

A partir da Segunda Guerra Mundial estabeleceram-se departamentos que se dedicavam ao ensino da língua e cultura luso-brasileira, não só na TUFS, mas também, na Universidade de Sophia, na Universidade de Estudos Estrangeiros de Quioto, na Universidade de Estudos Estrangeiros de Osaka, na Universidade de Tenri, departamento que fechou em 2010. Em compensação, abriu um departamento de estudos luso-brasileiros na Universidade de Kanda.

O terceiro e último momento, inicia-se na década de 80 do século XX, e é marcado pela forte presença de imigrantes brasileiros que habitam no Japão, chamados *dekassegui*.

Deste modo, conseguimos perceber que o português tem uma elevada importância no neste país insular da Ásia Oriental, tanto para os imigrantes brasileiros e portugueses e os seus descendentes como também para os japoneses que desejam conhecer mais sobre a língua portuguesa e a cultura luso-brasileira.

Podemos assim afirmar que a presença da língua portuguesa no Japão está associada à presença económica e cultural de Portugal e do Brasil no mundo, bem como a presença das comunidades luso-falantes em solo nipónico.

A influência que Portugal exerceu no Japão e vice-versa, foi de tal modo notável, que ainda nos dias de hoje a língua japonesa utiliza termos de origem portuguesa, assim como a língua portuguesa emprega termos de origem nipónica.

Neste trabalho abordamos também o ensino do português como língua estrangeira no Japão, dando destaque às suas problemáticas.

O sistema de ensino de uma língua estrangeira no Japão dá primazia à gramática, leitura e tradução de textos, deixando de lado a compreensão e expressão oral.

Outro factor, e ao qual damos mais ênfase, e que contribui para a pouca divulgação do português, é a ausência da cultura nas aulas de língua portuguesa.

Na nossa opinião, a cultura é relevante para a total compreensão de qualquer língua estrangeira.

A escolha de decisão sobre o tema a tratar por esta dissertação recaiu na língua portuguesa no Japão porque gostaríamos de contribuir para o ensino da mesma. Um ensino que vá ao encontro das necessidades e interesses dos estudantes japoneses.

Para a realização desta dissertação foi necessária a consulta de documentação e bibliografia específica. Grande parte da pesquisa documental deu-se na Biblioteca Nacional. A bibliografia consultada foi principalmente disponibilizada, igualmente, pela Biblioteca Nacional, mas também pela Biblioteca Municipal Palácio das Galveias. Tivemos ainda oportunidade de complementar o trabalho com dados e informações fornecidos pela Embaixada de Portugal no Japão, pelo IPOR e pelo Centro Cultural de Portugal em Tóquio.

No que respeita à organização sistemática, esta dissertação estrutura-se em três grandes capítulos. Iniciamos o estudo com uma abordagem à história da língua portuguesa no Japão, que acreditamos ser indispensável, pois ser-nos-ia impossível entender o seu ensino sem mencionar a sua história. Passamos posteriormente a abordar o ensino do português como língua estrangeira no país do sol nascente. Ainda neste segundo capítulo enumeramos as dificuldades dos aprendentes japoneses na aquisição de uma língua estrangeira, nomeadamente do português, e também tratamos das problemáticas do ensino da mesma.

O terceiro, e último capítulo é dedicado à importância que a cultura exerce numa aula de língua estrangeira, abordando a história do ensino/aprendizagem de LE, definimos o conceito de cultura, como também fazemos um historial do ensino da cultura na didáctica de língua estrangeira. Ainda neste terceiro capítulo, analisamos dois manuais de PLE, ambos do nível A1. A nossa análise recairá sobre os conceitos culturais de cada manual, e questionamos se esses conceitos visam o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos, especificamente dos alunos japoneses.



## I: HISTÓRIA E SITUAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO JAPÃO

### I.1.A PRESENÇA DO PORTUGUÊS NO JAPÃO

Sendo a Língua Portuguesa no Japão o objecto de estudo sobre o qual decidimos fazer recair a nossa investigação, considerámos primordial compreender, em primeiro lugar, a história da presença da língua portuguesa, de forma a contextualizar o estudo do ensino do português no país do sol nascente.

Como sabemos, os portugueses influenciaram a história e cultura de muitos povos. Um desses povos foi, sem margem de dúvida, o povo nipónico. “O impacte português abriu a sensibilidade nipónica para uma nova cultura, a Ocidental”.<sup>1</sup>

A presença da língua portuguesa no Japão é marcada por três momentos chave. O primeiro, conhecido como século Namban, abarca o período de chegada dos navegadores portugueses ao país do sol nascente, em 1542 ou 1543, datas estas muito discutidas. Estudiosos como António Galvão, Georg Schurhammer, H. Hass e Charles Boxer apontam mais para a última data, assim como os japoneses, unânimes em aceitar a data de 1543, até à expulsão dos portugueses em 1639.

Outro assunto pouco consensual é o nome dos portugueses que primeiro pisaram terras japonesas.

António Galvão no seu *Tratado* e Diogo do Couto nas *Décadas* indicam o nome de António Mota como um dos três portugueses que deram à praia da ilha Tanegashima, num junco, na sequência de uma tempestade. A crónica japonesa *Teppo-ki*, escrita no período Keicho (1596-1614), ao mesmo tempo que Couto escrevia, menciona igualmente o nome Mota, juntamente com dois inidentificáveis nomes portugueses, escritos em kanji, caracteres chineses.

Já Fernão Mendes Pinto, na *Peregrinação*, afirma que foi ele próprio o primeiro ocidental a chegar ao Japão. Schurhammer e Boxer negam tal afirmação, mas ambos reconhecem que Mendes Pinto foi ao Japão muito cedo, em 1544. Armando Cortesão, Samuel Purchas e Dorothy Osborne corroboram a versão de Mendes Pinto.

---

<sup>1</sup> JANEIRA, Armando Martins – *O impacto português sobre a civilização japonesa*, p.180.

Os portugueses influenciaram o povo japonês, como já referimos acima, em vários aspectos, nomeadamente na pintura, sendo esta arte ensinada em escolas de arte anexas aos seminários e colégios, fundados pelos missionários. O mais importante espólio de pintura de influência ocidental é representado pelos biombos namban (ver anexo 1 na pág.61). Estes acusam a influência ocidental nas técnicas e nos materiais utilizados, mas no estilo são todos japoneses. O tema favorito destas pinturas é a chegada dos portugueses ao Japão.

A influência portuguesa foi também marcada na arte decorativa, em caixas de laca<sup>2</sup>, bocetas<sup>3</sup>, polvorinhos<sup>4</sup>, entre outros objectos, embelezados, frequentemente, com figuras de portugueses, identificáveis pelos narizes enormes, chapéus largos e largas calças apertadas nos tornozelos.

Na música, os ocidentais optaram por incorporar ideias e temas populares japoneses nas composições religiosas, as quais eram acompanhadas por instrumentos tipicamente japoneses, como *koto*<sup>5</sup> e o *shamisen*<sup>6</sup>, para a sua introdução no Japão.

Na arquitectura, a influência portuguesa é visível na construção das escolas de Arima, Azuchi, Funai e Usukine, como também nos castelos feudais, como por exemplo o castelo de Osaka, mas igualmente em outros edifícios, de carácter religioso, que posteriormente foram destruídos.

No urbanismo, claro está, que nos referimos à cidade de Nagasáqui, que seguiu um sistema urbanístico diferente de todas as outras cidades japonesas. O sistema grego da Acrópoles e o sistema das cidades medievais, isto é, um lugar de fácil defesa e voltado para o mar.

Na tipografia, dois jesuítas japoneses aprenderam a arte da tipografia em Portugal.<sup>7</sup>

Podemos verificar a conexão entre a arte do chá e o cristianismo nos séculos XVI e XVII através da informação que chegou até nós. A oração dos criptocristãos<sup>8</sup> de Quioto denominava-se *chabi*, dia do chá, e em Nagasáqui *chago*, reunião do chá.

---

<sup>2</sup> Caixas revestidas de um verniz originário da China e o Japão.

<sup>3</sup> Pequenas caixas.

<sup>4</sup> Objecto onde se guarda a pólvora.

<sup>5</sup> Espécie de harpa.

<sup>6</sup> Espécie de guitarra de três cordas.

<sup>7</sup> Não se sabe se a tipografia que levaram para o Japão era a portuguesa ou italiana.

Nas ciências náuticas, os japoneses admiravam muito os barcos portugueses que representavam, na época, um avanço na técnica de construção. Os japoneses procuraram construir navios usando as novas técnicas mas tal feito não foi bem-sucedido pela parte dos nipônicos. Os japoneses aprenderam também com os portugueses as tábuas de longitude e latitude, os métodos para calcular a latitude pela altura do sol, a técnica para ler a bússola, o uso da sonda, o mapa da declinação, a medida do quadrante e o astrolábio.

Quando os portugueses chegaram e trouxeram a medicina ocidental, chamada de *namban igaku*<sup>9</sup>, causaram uma revolução na medicina nipônica, pois introduziram na medicina plantas e drogas asiáticas. Em 1557, foi fundado, por Almeida (mercador de Lisboa, licenciado para exercer a medicina), o primeiro hospital do Japão. Mas, em consequência da guerra, este acaba por ser queimado.

A astronomia teve grande êxito no Japão. Os nipônicos com a astronomia ocidental aprenderam os métodos de medir a altitude do Sol e do Cruzeiro do Sul<sup>10</sup>, medir o tempo pela Ursa Maior, como também aparece numa obra japonesa, pela primeira vez, a teoria da esfericidade da Terra.

O primeiro mapa-mundo e a primeira esfera armilar feitos no Japão apareceram só no ano de 1630. Em 1645 foi publicado, em Nagasáqui, um mapa-mundo intitulado *Bankoku Sozu* (Mapa Universal do Mundo) baseado no mapa do jesuíta Matteo Ricci.

Na ciência militar, os primeiros portugueses que desembarcaram em Tanegashima traziam consigo a espingarda (ver anexo 2 na página 62). Os japoneses logo aprenderam a fabricá-la em grande escala, e estas começaram a ser usadas regularmente pelo seu exército. “A diligência dos japoneses em procurar pôr-se a par dos progressos da arte militar ocidental permitiu ao Japão sair vitoriosos da guerra com a China em 1894-1895 e vencer uma das maiores potências europeias, a Rússia, em 1904-1905”.<sup>11</sup>

Foi também o povo lusitano que delineou e colocou o Japão nos mapas modernos. A sua configuração demorou a ser bem compreendida, como podemos verificar pela cartografia portuguesa (ver anexo 3 na pág. 63).

---

<sup>8</sup> Ou 隠れキリシタン (Kakure Kirishitan), em japonês, que denomina os cristãos escondidos, isto é, os cristãos que continuaram a praticar o cristianismo em segredo, mesmo depois deste ser proibido.

<sup>9</sup> Medicina do povo do Sul.

<sup>10</sup> Constelação do hemisfério celestial sul, também conhecida como Crux.

<sup>11</sup> JANEIRA, Armando Martins – **A Influência Portuguesa na Civilização Japonesa**.

No final do século XVI, o Japão representava uma das contribuições dos Portugueses para a Geografia Moderna.

Outro aspecto que influenciou o Japão foi a língua portuguesa. Segundo João Barros, a nossa língua era aprendida nos templos budistas japoneses. Nos séculos XVI e XVII eram utilizadas cerca de 4000 palavras de origem portuguesa.

O comércio e a missionação são os dois principais elementos das relações luso-nipónicas, ao longo do século Namban. Os portugueses conseguiram impor a sua presença no Mar da China por meados do século XVI e aproveitaram o estado de guerra entre chineses e japoneses para se tornarem os intermediários privilegiados entre os dois gigantes extremo-orientais, (“os mercadores vinham sazonalmente carregados sobretudo com as sedas chinesas, que trocavam por prata, com que obtinham lucros chorudos, que para lá de os enriquecerem, ainda alimentavam os cofres da alfândega de Goa.”).<sup>12</sup>

O comércio levou à fundação de uma nova cidade japonesa, Nagasáqui. Esta foi fundada pelos mercadores de Macau e pelos jesuítas com o apoio do Dáimio<sup>13</sup> local, o cristão Omura Sumitada Bartolomeu.

Apesar de os japoneses terem sido influenciados pelos portugueses em diversos aspectos, a sua primeira impressão do povo lusitano, em relação à aparência e civilização, não foi favorável:

“Estes homens, bárbaros do Sudoeste, são comerciantes. Compreendem até certo ponto a distinção entre superior e inferior, mas não sei se existe entre eles um sistema próprio de etiqueta. Bebem em copo sem o oferecerem aos outros; comem com os dedos e não com os pauzinhos como nós. Mostram os seus sentimentos sem nenhum reboço. Não compreendem o significado dos caracteres escritos. São gente que passa a vida errando de aqui para além, sem morada certa, e trocam as coisas que possuem pelas que não têm, mas no fundo são gente que não faz mal”; “ (...) e justamente por os portugueses serem bons homens, folgamos muito que eles venham a nossas terras, porque aqui não lhes farão nenhum agravo, antes em tudo serão favorecidos, porque depois que o mundo não vimos tal gente como são os portugueses”.<sup>14</sup>

Já a primeira impressão que o povo nipónico deixou aos portugueses é favorável, opinião que é unânime entre os que por lá passaram. Jorge Álvares, depois de cinco

---

<sup>12</sup> ASSOCIAÇÃO DE AMIZADE DE PORTUGAL-JAPÃO e INSTITUTO DOS ARQUIVOS NACIONAIS - TORRE DO TOMBO – **Da cruz de Cristo ao Sol Nascente, Um Encontro do Passado e do Presente**, p. 19.

<sup>13</sup> Antigo nobre que chefiava, de maneira tirana, tribos japonesas.

<sup>14</sup> Apud JANEIRA, Armando Martins – **O impacto português sobre a civilização japonesa**, p.31-32.

meses no Japão, escreve um relato sobre o que viu neste país, e também escreve a sua impressão das gentes desse país: “ La gente deste Japon por la maior parte es domidianos cuerpos y rechechos gente muy rezia para trabajo; es gente blanca de buenas disposiciones; los nobres traen la barba cortada a manera de monos, y los hombres de baixa suerte criam barbas”<sup>15</sup>. O Padre Cosme de Torres também escreve a sua impressão dos japoneses:

“São discretos quanto se pode cuidar: governão se pela razão tanto ou mais que os espanhóis. São curiosos de saber mais que quantas gentes eu tenho conhecido, e de praticarem de que maneira salvarão as suas almas, servirão a quem os criou. Em todo o descoberto não há homens da sua maneira: tem mui linda conversação que parece que todos elles se criaram em paços de grandes senhores: os cumprimentos que tem uns com os outros he impossivel poderse descrever: murmurão poco dos seus proximos e a nenhum tem inveja (...) Se ouversa de escrever todas as boas partes que ha nelles, antes falataria tinta e papel que a matéria”<sup>16</sup>.

Outro texto que evoca as qualidades do povo japonês é o de S. Francisco Xavier:

“ A gente que ategora temos conversado, he a melhor que ategora está descoberta, e me parece que entre gente infiel não se achará outra que ganhe aos japões. He gete de mui boa coversação, geralmente boa, e não maliosa: gente de hõra muito à maravilha e estimão mais a honra, que nenhua outra cousa; he gente pobre em geral e a pobreza entre os fidalgos não a te por afronta... estimam mais a honra que as riquezas. He gente de muitas cortesias hus com outros: prezãose muito das armas e confiam muito nelas: sempre trazem espadas e punhaes, e isto toda a gente, assi fidalgos como gente baixa, de idade de cartoze annos trazem já espada e punhal. He gente que não sofre injurias nenhuas, nem palavras ditas com desprezo.... Não matão nem come causa que crião ...Vive esta gente desta terra mui saã à maravilha, e hay muitos velhos”<sup>17</sup>.

A cristianização do Japão caracterizou-se por “um sucesso trágico”<sup>18</sup>. O cristianismo registava um sucesso extraordinário, mas coincidiu com a reunificação política do império, assente numa política onde a religião cristã não tinha lugar. O Estado desenvolveu uma política anti-cristã, em 1587.

A cristandade acabou por simbolizar a ameaça do Ocidente ao poder e à autoridade do Xogunato Tokugawa (1600-1868).

---

<sup>15</sup> Apud JANEIRA, Armando Martins – **O impacto português sobre a civilização japonesa**, p. 35.

<sup>16</sup> Apud JANEIRA, Armando Martins – **O impacto português sobre a civilização japonesa**, p. 40.

<sup>17</sup> Apud JANEIRA, Armando Martins – **O impacto português sobre a civilização japonesa**, p. 41.

<sup>18</sup> COSTA, João Paulo Oliveira e – **O Japão e o Cristianismo no século XVI: ensaios de História Luso-Nipónica**, p. 292.

O *bafuku* (幕府)<sup>19</sup> criou uma acção contra o cristianismo, não só aos ocidentais, como também aos japoneses que se tinham convertido:

“ (...) a Cristandade acabou por simbolizar a presença e a ameaça do Ocidente ao poder e à autoridade do Xogunato. Tornou-se num ponto central da acção do Xogunato contra essa ameaça. Esta acção não tinha por objecto apenas os ocidentais, mas também os japoneses que se tinham convertido ao cristianismo. Tal como os castigos que eram então aplicados, foi cruel, sobretudo com os cristãos japoneses”<sup>20</sup>.

Houve ainda perseguições a esses cristãos e o culminar da perseguição foi o massacre de Shimabara, em 1638, no qual um total de 35 mil pessoas, foram mortas pelas forças do Xogunato:

“ As perseguições intensificaram-se durante o início de 600. A muitos suspeitos de serem cristãos era pedido que demonstrassem a sua rejeição do cristianismo pisando uma placa de conbre que continha a imagem de um crucifixo ou de um símbolo cristão semelhante. Alguns permaneceram firmes na sua fé, apesar das torturas a que os submeteram para que renunciassem a ela serem horríveis, como por exemplo, arrancar-lhes os olhos ou torturar os filhos à frente dos pais. As execuções também eram horríveis, envolvendo crucificações, decapitações com um serra ou serem atirados para piscinas de água termal a ferver”<sup>21</sup>.

Os missionários cristãos foram expulsos em 1614, mas permitiram aos mercadores ocidentais que continuassem a entrar no país. No entanto, o xogum chegou à conclusão que as desvantagens do comércio externo superavam as vantagens.

Em 1639, todos os ocidentais tinham sido expulsos, à excepção dos holandeses, que eram aceites apenas na pequena ilha de Deshima, “Em 1639, essa mudança consumou-se com o corte das relações luso-nipónicas e a instalação dos mercadores batavos na ilha artificial de Deshima, construída entretando na baía de Nagasaki, e destinada a manter os ocidentais fora do território japonês”.<sup>22</sup>

O país estava então fechado. Para além de os estrangeiros não poderem entrar no Japão, também os japoneses não podiam viajar para o estrangeiro, salvo raras excepções. Os nipónicos que se encontravam fora do país foram proibidos de regressar:

“A Peregrinação acaba, quando as arrojadas iniciativas portuguesas, alcançando o país do Sol Nascente, faziam em tudo presumir um futuro sorridente, rico de comércio, rico de almas conquistadas

---

<sup>19</sup> Palavra que, em português, significa xogunato.

<sup>20</sup> HENSHALL, Kenneth G. – **História Do Japão**, p. 85.

<sup>21</sup> HENSHALL, Kenneth G. – **História Do Japão**, p. 85.

<sup>22</sup> ASSOCIAÇÃO DE AMIZADE DE PORTUGAL-JAPÃO e INSTITUTO DOS ARQUIVOS NACIONAIS/TORRE DO TOMBO – **Da cruz de Cristo ao Sol Nascente, Um Encontro do Passado e do Presente**, p. 47.

para a religião católica romana. Não tardou muito, porém, que a tempestade se desencadeasse implacável, iniciando os japoneses uma tremenda perseguição religiosa que levaria o Japão a fechar as suas portas ao mundo ocidental e a recolher-se em isolamento”.<sup>23</sup>

Termina assim, o primeiro momento da presença da língua portuguesa no país do sol nascente.

Com o término da era Tokugawa, no século XIX, inicia-se a era Meiji, época em que o Japão se reabre ao Ocidente e ao mundo. Em 1860, Lisboa restabelece relações diplomáticas com Tóquio. Começa assim o segundo momento da presença do português no Japão.

Neste segundo contacto, muitos diplomatas e escritores portugueses começam a publicar estudos sobre o Japão, entre eles Pedro Gastão Mesnier, Gonçalves Pereira, Ladislau Batalha e Wenceslau de Moraes. Estes estudiosos abriram caminho para tantos outros portugueses conhecerem o Japão. No entanto, a presença da língua portuguesa limitava-se ao corpo consular e alguns imigrados.

Com a chegada do professor e historiador João Abranches Pinto ao Japão, em 1918, e a abertura do primeiro curso universitário de língua e cultura portuguesas na Universidade de Estudos Estrangeiros de Tóquio (Tokyo Gaidai), em 1919, dá-se início à duradoura presença do português nas universidades japonesas. Em 1948, é fundada, em Quioto, a Universidade de Estudos Estrangeiros, cujo Departamento de Estudos Luso-Brasileiros foi estabelecido em 1968. Em 1964, a Universidade Sophia de Tóquio inicia a sua pós-graduação em língua e cultura portuguesa. Além destas, actualmente, outras três universidades têm departamentos de estudos luso-brasileiros ou leccionam português; a Universidade de Osaka, a Universidade de Tenri e a Universidade Kanda de Estudos Internacionais. Além disso, outras seis universidades japonesas possuem a língua portuguesa como disciplina opcional: a Universidade Industrial de Quioto, Universidade Musashino, a Universidade Rikkyo, a Universidade Ryutsu Keizai, a Universidade Takushoku e a Universidade de Artes e Cultura da Província de Oita<sup>24</sup>. Ao lado do ensino universitário, as obras literárias de autores portugueses, traduzidas para japonês, constituem uma importante fonte de conhecimento do mundo português para os japoneses. Dentre os principais autores portugueses traduzidos, destacam-se José

---

<sup>23</sup> MORAES, Wenceslau – **Fernão Mendes Pinto no Japão**, p.74-75.

<sup>24</sup> Dados da embaixada de Portugal no Japão.

Saramago, Luís de Camões, Fernando Pessoa, Eça de Queirós, Fernando Namora, Gil Vicente, Pero Vaz de Caminha, Wenceslau de Moraes, entre outros.

O terceiro momento é marcado pela massiva imigração de trabalhadores nipo-brasileiros para o Japão nas décadas de oitenta e noventa do século passado.

Na década de 80, devido ao crescimento económico no Japão, ocorreu uma corrente de migração do Brasil para o país do sol nascente. Em 1990 foi aprovada a lei de Controlo de Imigração, medida que estabelecia que descendentes e cônjuges de emigrantes japoneses, até à quarta geração, chamados *dekasegi* (出稼ぎ), poderiam exercer qualquer actividade até três anos no Japão. As trocas culturais entre japoneses e brasileiros nessa época são feitas a vários níveis, nomeadamente na música, na literatura, no cinema e no futebol:

“Ademais, é impossível deixar de mencionar a influência do cinema, do futebol e da música brasileira no Japão contemporâneo. A influência cultural da música e do cinema precede o fenómeno dekasegui, tendo sido iniciada nos anos de 1960. Já a influência do futebol é um fenómeno dos anos 19 (90), iniciado com a chegada do jogador de futebol Zico em 1991. Além de obras literárias, há traduções para o japonês de ensaios académicos e bibliográficos”.<sup>25</sup>

Segundo o Ministério da Justiça Japonês havia 210.032 brasileiros no Japão, em 2011, o que faz com que a comunidade luso-falante seja a terceira maior do país, logo atrás da China e da Coreia.<sup>26</sup>

Com isto, podemos afirmar que a presença da língua portuguesa no Japão está associada à influência económica e cultural de Portugal e do Brasil no mundo, bem como à presença das comunidades luso-falantes no Japão.

---

<sup>25</sup> ARAUJO, Gabriel Antunes de; AIRES, Pedro – **A Língua Portuguesa no Japão**, p. 10.

<sup>26</sup> Dados do Ministério da Justiça do Japão.



## I.2. TERMOS PORTUGUESES NA LÍNGUA JAPONESA

O português passou para a língua nipônica centenas de vocábulos de vários domínios semânticos, que ainda hoje são usados. De acordo com Kiichi Matsuda “How popular Portuguese customs became in Japan at the end of the 16th century may be seen by the number of words that entered the Japanese language, and of which some are still in use today.”<sup>27</sup>

Até à obra de Tai Whan Kim, *The portuguese element in Japanese: a critical survey with glossary*, as palavras japonesas de origem portuguesa que encontramos são centenas, decidimos então fazer uma selecção dessas palavras e ordená-las por assunto (como também já tinham feito os nossos precedentes): religião e afins; alimentação; termos geográficos, sobretudo topónimos; botânica; vestuário e tecidos; medicina e veterinária; construção e mobiliário; zoologia; substâncias diversas.

Vejamos o primeiro tema, religião e termos afins:

*Abito* (de hábito)<sup>28</sup>

*Amen* (de Ámen)

*Anima* (de alma)<sup>29</sup>

*Anjo* (de anjo)<sup>30</sup>

*Baputesuma* (de baptismo)<sup>31</sup>

*Bataren* (de padre)<sup>32</sup>

*Daiuso* (de Deus)<sup>33</sup>

*Dochirina* (de doutrina)<sup>34</sup>

*Domingo* (de Domingo)<sup>35</sup>

*Ekirinji(ya)* (de igreja)<sup>36</sup>

---

<sup>27</sup> Apud FONSECA, Fernando Venâncio Peixoto da – **A Influência da Língua Portuguesa no Vocabulário Japonês**, *Boletim Mensal da Sociedade de Língua Portuguesa*, p.2.

<sup>28</sup> Para Dalgado o termo é obsoleto.

<sup>29</sup> *Alma* deu *anima* segundo V. De Moraes, mas deve vir do latim eclesiástico. Já Kim regista *aruma*.

<sup>30</sup> De acordo com Rodolfo Dalgado.

<sup>31</sup> Conforme Sebastião Rodolfo Dalgado. K.Matsuda afirma que a fonte é a forma arcaica *bautismo*, que segundo Kim originou *bauchisumo*.

<sup>32</sup> Para Venceslau de Moraes. Matsuda regista a variante *bateren*, tendo a mesma fonte.

<sup>33</sup> Segundo Matsuda. Kim regista *Deusu*, já Azevedo assinala *Tenshu*.

<sup>34</sup> Segundo Matsuda e Kim.

<sup>35</sup> De acordo com Dalgado. Deu origem, também, à variante *domiigo*.

*Garasa* (de graça)<sup>37</sup>

*Inferno* (de inferno)<sup>38</sup>

*Iruman* (de irmão)<sup>39</sup>

*Jejun* (de jejum)<sup>40</sup>

*Karisu* (de cális)<sup>41</sup>

*Katorikku* (de católico)<sup>42</sup>

*Kerubin* (de querubim)<sup>43</sup>

*Kirismo* (de crisma)<sup>44</sup>

*Kirishitan* (de cristão)<sup>45</sup>

*Kohisan* (de confissão)<sup>46</sup>

*Kontasu* (de contas)<sup>47</sup>

*Kurusu* (de cruz)<sup>48</sup>

*Maruchiru* (de martírio)<sup>49</sup>

*Misa* (de missa)<sup>50</sup>

*Orasho* (de oração)<sup>51</sup>

*Orugan* (de órgão)<sup>52</sup>

*Osuchiya* (de hóstia)<sup>53</sup>

---

<sup>36</sup> Murakami e Dalgado dão preferência à fonte latina *ecclesia*.

<sup>37</sup> Conforme Rodolfo Dalgado.

<sup>38</sup> Inferno deu igual termo (mas que deve ser lido *inheruno*, como se pode verificar na obra de Kim) e a variante *inhberno*, segundo Dalgado.

<sup>39</sup> O termo *iruman*, no sentido de frade, é considerado de origem portuguesa incontestável por Murakami e Gonçalves Viana.

<sup>40</sup> «Jejum» originou *jejun* e a variante *zejun*, registada em Kim.

<sup>41</sup> De acordo com Dalgado.

<sup>42</sup> Dalgado e K. Matsuda registam *katorikku*. Já Kim aponta o feminino *katorika*, de «católica».

<sup>43</sup> Conforme Dalgado.

<sup>44</sup> Segundo Dalgado. Kim escreve corretamente *kirisumo*.

<sup>45</sup> De acordo com Kiichi Matsuda e Kim, já Murakami e G.V. registam o termo sem o segundo *i*.

<sup>46</sup> Escreve Dalgado. Para Kim a forma japonesa é *konhisan*.

<sup>47</sup> Segundo V. De Moraes e Dalgado, mas Kim não tem certeza do étimo português.

<sup>48</sup> De acordo com Rodolfo Dalgado, que nos fornece também a variante *kurosu*, esta porém, deve representar o inglês *cross*.

<sup>49</sup> Conforme Dalgado.

<sup>50</sup> De acordo com Matsuda.

<sup>51</sup> Conforme Murakami.

<sup>52</sup> De acordo com Dalgado. Kim diz que esta é a pronúncia corrente do termo *orogan*.

*Paraizo* (de paraíso)<sup>54</sup>

*Seito* (de santo)<sup>55</sup>

*Spiritual* (de espiritual)<sup>56</sup>

*Superansa* (de esperança)<sup>57</sup>

*Tunbo* (de tumba)<sup>58</sup>

*Zeshitto* (de jesuíta)

*Zesus* (de Jesus)<sup>59</sup>.

Tai Whan Kim na sua obra *The Portuguese Element in Japanese* acrescenta uma série de termos religiosos:

*Achirisan* (de atrição)

*Aguha benta* (de água benta)

*Aposutorika* (de apostólica)

*Aposutoru* (de apóstolo)

*Arukanjo* (de arcanjo)

*Atutaru* (de altar)

*Aureyora* (de auréola)

*Beato* (de igual termo em português)

*Benabentsuransa* (de bem-aventurança)

*Benejiito* (de bendito)

*Beniara* (de venial)

*Bensan* (de bênção)

*Benereu* (de benzer)

---

<sup>53</sup> Para Kim. Já Dalgado escreve *ostiya*.

<sup>54</sup> Segundo Dalgado. Hoje em dia utiliza-se em japonês a palavra *paradaisu*, do inglês *paradise*.

<sup>55</sup> De acordo com Dalgado (mas com dúvidas). Kim assinala *santa* e *santosu*, do plural «santos».

<sup>56</sup> Conforme K.Matsuda. Não existe no dicionário.

<sup>57</sup> Segundo Dalgado o termo é obsoleto.

<sup>58</sup> Segundo Dalgado.

<sup>59</sup> De acordo com Matsuda. Para Kim «Jesus» deu *Jizosu*.

*Birutsunderu* (de virtudes)

*Biruzen* (de virgem)

*Biruzendate* (de virgindade)

*Bisupo* (de bispo)

*Bizitatoru* (de visitador)

*Bondade* (de igual termo)

*Bura* (de bula)

*Chirinidade* (de trindade)

*Donesu* (de dons)

*Ekerezyasuchiko* (de eclesiástico)

*Entenjimento* (de entendimento)

*Ereshiya* (de heresia)

*Erezesu* (de hereges)

*Esushiritsu* (de espírito)

*Esukumokado* (de excomungado)

*Esukumonian* (de excomunhão)

*Esukiritsura* (de escritura)

*Esuturema unsan* (de extrema unção)

*Eucarisuchia* (de eucaristia)

*Ewanserichita* (de evangelista)

*Furai* (de frei)

*Furadesu* (de frades)

*Guroriya* (de glória)

*Horohitensha* (de providência)

*Immorutaru* (de imortal)

*Jabo* (de diabo)

*Jibina* (de divina)  
*Jibindade* (de divindade)  
*Jubireyo* (de jubileu)  
*Katekisumo* (de catecismo)  
*Kirishitandate* (de cristandade)  
*Konhesoru* (de confessor)  
*Konfurariya* (de confraria)  
*Komokaru* (de comungar)  
*Karidade* (de caridade)  
*Keredo* (de credo)  
*Konchirisian* (de contrição)  
*Kuwarizuma* (de Quaresma)  
*Miira* (de mirra)  
*Miritante ekeresha* (de militante igreja)  
*Miserikoruja* (de misericórdia)  
*Misuteriyo* (de mistério)  
*Morutaru* (de mortal)  
*Nataru* (de Natal)  
*Omunipoten* (de onnipotente)  
*Pappa* (de Papa)  
*Pashion* (de paixão)  
*Pasukwa* (de Páscoa)  
*Pasutoru* (de pastor)  
*Pekadoru* (de pecador)  
*Penitensha* (de penitência)  
*Pietade* (de piedade)

*Poroheta* (de profeta)  
*Puroshimo* (de próximo)  
*Purugatoriu* (de purgatório)  
*Radaniasu* (de ladainhas)  
*Resureisan* (de ressurreição)  
*Rinbo* (de limbo)  
*Rozariyo* (de rosário)  
*Rushiheru* (de Lúcifer)  
*Sakramento* (de sacramento)  
*Sakirihishyo* (de sacrifício)  
*Sakirirejo* (de sacrilégio)  
*Sanchidate* (de santidade)  
*Sanchishima chirindate* (de santíssima trindade)  
*Sanchihikado* (de santificado)  
*Saserudote* (de sacerdote)  
*Supirito santo* (de Espírito Santo)  
*Tenheransa* (de temperança)  
*Terearu* (de terreal)  
*Terouja* (de teologia)  
*Teyorogaru* (de teologal)  
*Unsan* (de unção).

Consideremos agora a alimentação:

*Aruheira* (de alféoa<sup>60</sup>)<sup>61</sup>

*Bisuketto* (de biscoito)<sup>62</sup>

---

<sup>60</sup> Alféoa é massa de açúcar usada em produtos de confeitaria.

<sup>61</sup> Segundo Gonçalves Viana, baseado em Murakami. Nakamura registra *aruheito*.

<sup>62</sup> Conforme Matsuda. Dalgado aponta também a variante *bisukoto*, que para Kim é a forma correta.

*Boro* (de bolo)<sup>63</sup>

*Hiryuzu* (de filhó)<sup>64</sup>

*Karameiru* (de caramelo)<sup>65</sup>

*Kasutera* (de Castela)<sup>66</sup>

*Konpeito* (de confeito)<sup>67</sup>

*Mamaredo* (de marmelada)<sup>68</sup>

*Manteka* (de manteiga)<sup>69</sup>

*Pan* (de pão).<sup>70</sup>

No que toca a termos geográficos, a lista é a seguinte:

*Afurika* (de África)

*Amerika* (de América)

*Arabia* (de Arábia)

*Aziya* (de Ásia)

*Buraziru* (de Brasil)

*Ekuwatoru* (de Equador)<sup>71</sup>

*Ejiputo* (de Egipto)

*Furansu* (de França)

*Kasutera* (de Castela)<sup>72</sup>

*Kyanpu* (de campo)<sup>73</sup>

*Kongo* (de Congo)

---

<sup>63</sup> Para Matsuda, do qual Murakami, Gonçalves Viana e Kim concordam.

<sup>64</sup> Conforme Rodolfo Dalgado. Kim cita ainda as variantes *hiryozu* e *hiritutsu*.

<sup>65</sup> Segundo Dalgado. Já para Gonçalves Viana e Murakami o termo veio do espanhol.

<sup>66</sup> Os autores são unânimes na aceitação da origem portuguesa deste termo. Ainda hoje em dia, no Japão, o termo é utilizado para designar «pão-de-ló».

<sup>67</sup> Ainda nos dias de hoje o termo é empregado no Japão.

<sup>68</sup> Palavra portuguesa que mais passou para outras línguas.

<sup>69</sup> Dalgado e Gonçalves Viana têm dúvidas em relação à sua origem, pois Murakami escreve que provavelmente a sua origem é espanhola.

<sup>70</sup> Os estudiosos consideram o seu étimo incontestável. No Japão, *pan* ainda se utiliza com o sentido de pão.

<sup>71</sup> Pode ter origem no inglês ou no espanhol.

<sup>72</sup> Não vem como topónimo no dicionário.

<sup>73</sup> Deve provir do inglês *camp*.

*Moru* (de mogor<sup>74</sup>)

*Oranda* (de Holanda)<sup>75</sup>

*Perushia* (de Pérsia)

*Portugaru* (de Portugal)

*Riodejaneiro* (de Rio de Janeiro)

*Risubon* (de Lisboa)<sup>76</sup>

*Roma* (de Roma)

*Seiron* (de Ceilão)<sup>77</sup>

*Sina* (de China)

*Yoroppa* (de Europa).<sup>78</sup>

No que respeita à botânica, eis os étimos portugueses:

*Amendo* (de amêndoa)<sup>79</sup>

*Banana* (de banana)<sup>80</sup>

*Bobura* (de abóbora)

*Marumeru* (de marmelo)<sup>81</sup>

*Safuran* (de açafrão)

*Tabako* (de tabaco)<sup>82</sup>.

Passando ao vestuário e tecidos, eis os vocábulos de origem portuguesa:

*Birodo* (de veludo)

*Botan* (de botão)

*Karusan* (de calção).

Na medicina e veterinária os termos são:

---

<sup>74</sup> Vocábulo antigo com o significado de «mongol».

<sup>75</sup> O étimo pode ser espanhol.

<sup>76</sup> Com certeza entrou na língua japonesa, através da forma antiga *Lisbõa*.

<sup>77</sup> Vem provavelmente da forma mais antiga, *Ceilom*.

<sup>78</sup> À excepção de *Sina*, *Moru* e *Ekuwatoru*, todos os restantes ainda hoje são usados na língua japonesa.

<sup>79</sup> Uma da palavra, *amondo*, ainda se utiliza hoje em dia no Japão.

<sup>80</sup> Palavra ainda empregada no Japão.

<sup>81</sup> Termo ainda usado na actualidade.

<sup>82</sup> Vocábulo utilizado no Japão actual.



*Barusamu* (de bálsamo)

*Kataru* (de catarro)

*Ransetta* (de lanceta<sup>83</sup>).

Relativamente à construção e mobiliário, segue a respectiva lista:

*Banku* (de banco)

*Kamara* (de câmara)

*Kasutero* (de castelo)

*Koppu* (de copo)<sup>84</sup>

*Furasuko* (de frasco).

Os termos referentes à zoologia são:

*Perikan* (de pelicano)

*Waka* (de vaca).

E por último, nas substâncias diversas encontramos os seguintes vocábulos:

*Bidoro* (de vidro)

*Shabon* (de sabão)<sup>85</sup>.

Em suma, o português doou à língua japonesa centenas de termos de várias temáticas. Apenas algumas dezenas, são ainda hoje usados no japonês.

---

<sup>83</sup> Instrumento cirúrgico para fazer pequenas incisões.

<sup>84</sup> Vocábulo ainda empregado nos nossos dias.

<sup>85</sup> O étimo deve ser a forma antiga *sabom*.

### I.3. TERMOS JAPONESES NA LÍNGUA PORTUGUESA

Como sabemos os portugueses foram os primeiros ocidentais a chegar ao Japão. As relações luso-japonesas começaram em 1542 ou 1543, quando três aventureiros portugueses desembarcaram na ilha de Tanegashima.

Nos séculos XVI e XVII, Portugal mantinha com o Japão contacto constante, chamando ao seu idioma língua dos demónios e do qual redigiram as primeiras gramáticas e dicionários em escrita latina. Entre estes destacam-se, o Dicionário Latino-Português-Japonês (*Dictionarium Latino Lusitanicum, Ac Japonicum*), publicado em 1593 ou 1595 em Amakusa por Álvares, onde pela primeira vez se encontrou a forma de escrever a língua japonesa em *romaji*<sup>86</sup>; a gramática do padre jesuíta João Rodrigues, *Arte da Lingoa de Japam*, escrita em português, impressa em Nagasáqui em 1604; o dicionário japonês-português, *Vocabulário da Lingoa de Iapam*, ou 日葡辞書 (*Nippoijisho*) também de João Rodrigues, publicado, igualmente, em Nagasáqui entre 1603-1604; a gramática também do padre da Companhia de Jesus, *Arte Breve da Lingoa Iapoa*, ou em japonês, 日本小文典 (*Nihon shōbunten*) editado por volta de 1620.

Como podemos verificar, a influência e contribuição portuguesa no Japão foi feita principalmente pelos missionários, como afirma também Kiichi Matsuda na sua obra *The Relations between Portugal and Japan*, publicada em 1965:

“Portugal has contributed in many different ways to Japanese civilization. The Portuguese who came to Japan were missionaries, sailors and merchants. The sailors and merchants were mainly concerned with business and rarely left the port. We may say, therefore, that Portugal’s contribution came mostly from the missionaries.”<sup>87</sup>

As relações linguísticas entre Portugal e o Japão têm sido estudadas por vários investigadores, tantos japoneses como portugueses. Entre os primeiros destaca-se Murakami com o seu folheto, *The Influence of Early Intercourse with Europe on the Japanese Language*, Matsuda, já referido acima, e Arakawa Sobei. Dentre os portugueses temos Gonçalves Viana, com *Apostilas aos Dicionários Portugueses e Palestras Filológicas*; Dalgado com a sua obra *Influência no Vocabulário Português em Línguas*

---

<sup>86</sup> O romaji é empregado na transcrição fonética da língua japonesa para o alfabeto latino, ou seja, é a transliteração da língua japonesa.

<sup>87</sup> Apud INSTITUTO ORIENTAL – **O Ocidente no Oriente através dos Descobrimentos Portugueses**. Vol.III, p.173.

*Asiáticas* e com o *Glossário Luso-Asiático*; David Lopes com a sua obra *A Expansão da Língua Portuguesa no Oriente nos séculos XVI, XVII e XVIII*; Venceslau de Moraes com *Os Serões no Japão* e ainda Fernando Fonseca com *Os Lusismos na Língua Japonesa e A Influência da Língua Portuguesa no Vocabulário Japonês*.

A língua portuguesa recebeu do japonês cerca de 30 palavras, mas forneceu centenas, algumas das quais ainda se pronunciam nos dias de hoje.

Segundo Gonçalves Viana, as palavras portuguesas de origem japonesa são ao todo vinte e cinco:

Banzé (de *banzai*) – confusão, tumulto, festa ruidosa. O autor mostra dúvidas em relação à sua origem, como podemos comprovar “De todos estes mesmos [vocábulos japoneses] os únicos que ficaram verdadeiramente portugueses são (...) banzé, e se na realidade representa o japonês *banzai*! «viva»!”.<sup>88</sup>

Biombo (de *byobu*) – tabique móvel que divide uma habitação. Segundo Dalgado, só no século XVII surge a variante biombo e fora do Japão.

Bonzo (de *bozu*) – nome do religioso budista no Japão.

Catana (de *katana*) – sabre longo; espada pequena e curva. Com as variantes catanada e catanar.

Chávena (de *chawan*, palavra sino-japonesa) – recipiente com uma pega, onde se serve chá ou qualquer outra bebida.<sup>89</sup>

Dáimio (de *daimyo*) – antigo nobre que era chefe de tribos japonesas.<sup>90</sup>

<sup>91</sup>Dógico (de *dogi*, *dojuku* ou *dogaku*) – “ (...) espécie de «noviços» nas confrarias budistas dos bonzos japoneses (...)”.<sup>92</sup> Gonçalves Viana aponta mais para o étimo *dogaku* “porque sendo o k muitas vezes nulo entre vogais nas terminações adverbiais em ku, resulta a pronúncia dogo, por isso que aqui se prefere ó, forma que concorda exactamente com o dógó inserto no vocabulário de 1603 (...)”.<sup>93</sup>

Funé (de *fune*) – pequena embarcação de remos no Japão.

---

<sup>88</sup> Apud DALGADO, Sebastião Rodolfo – *Glossário Luso-Asiático* vol.I, p.98.

<sup>89</sup> Esta palavra no *Glossário Luso-Asiático* aparece com origem malaia, chavan ou chinesa cha kvan.

<sup>90</sup> O vocábulo remete-nos para duas variantes, *daimiato* ou *daimiado* – território de um dáimio e *daimial* – relativo ao dáimio. A última não surge na obra de Dalgado.

<sup>91</sup> Este vocábulo não se encontra no dicionário da língua portuguesa.

<sup>92</sup> Apud DALGADO, Sebastião Rodolfo – *Glossário Luso-Asiático* vol.I, p. 365.

<sup>93</sup> Apud DALGADO, Sebastião Rodolfo – *Glossário Luso-Asiático* vol.I, p. 366.

Haraquiri (de *hara-kiri*) – suicídio de honra, voluntário ou obrigado, que consiste em abrir o ventre.

Jiu-jitsu (de *jujutsu*) – sistema de luta corpo a corpo, arte da defesa sem armas. Variante Jujutsu que tem o mesmo significado.

Musumé (de *musume*) – rapariga, moça no Japão.

Quimono (de *kimono*) – túnica de origem japonesa.<sup>94</sup>

Samurai (de *sanurai*) – guerreiros do Japão (antiga designação).

Xintó ou sintó (de *shinto*) – denota o culto dos Kamis (antigos heróis), o qual constitui a religião nacional e a mais antiga do império.<sup>95</sup>

Xógum (de *shogun*) – líder militar do Japão (Imperador temporal no antigo regime).<sup>96</sup>

Knowlton acrescenta dezassete termos de origem japonesa, em relação à lista de Gonçalves Viana, sendo eles:

Aino (de *ainu*) – grupo indígena do Japão (Hokkaido).<sup>97</sup>

Cabuqui (de *kabuki*) actualmente Kabuki – género dramático japonês.<sup>98</sup>

Camicaze (de *kamikaze*<sup>99</sup>) actualmente kamikaze - aviadores suicidas da Segunda Guerra Mundial.<sup>100</sup>

Catacana (de *katakana*) – silabário empregado na escrita japonesa.<sup>101</sup>

Coto (de *koto*) – instrumento musical de cordas dedilhadas.<sup>102</sup>

Fujama (de *Fuji no Yama*) – montanha Fuji.<sup>103</sup>

---

<sup>94</sup> Segundo Viana quimão e queimão são variantes de quimono. A palavra quimono ainda nos dias de hoje é empregada na língua portuguesa.

<sup>95</sup> Esta palavra tem como derivados, xintoísmo ou sintoísmo. Na actualidade, o termo xintoísmo continua a ser aplicado no português.

<sup>96</sup> A expressão Xógum tem como variantes, xogunato, ofício do Xogum, e xogunal, relativo ao Xógum. E todas elas, ainda se utilizam no português, hoje em dia.

<sup>97</sup> O termo não aparece nem no dicionário, nem no *Glossário Luso-Asiático* de Dalgado.

<sup>98</sup> Este vocábulo não se encontra em Dalgado, o que nos pode indicar que esta palavra entrou modernamente na língua portuguesa.

<sup>99</sup> O sentido literal de *kamikaze* em japonês vento divino.

<sup>100</sup> A palavra camicaze não está descrita no glossário de Sebastião Rodolfo Dalgado.

<sup>101</sup> O vocábulo em questão não se encontra na obra de Dalgado nem no dicionário de português.

<sup>102</sup> O termo coto não surge descrito nem no *Glossário Luso-Asiático* nem no dicionário.

<sup>103</sup> A expressão Fujama não é apontada nem no dicionário nem na obra referida acima.

Haikai (de *haikai*) – forma de poesia japonesa que se caracteriza pelo uso do verso ligado.<sup>104</sup>

Iamato (de *Yamato*) – Japão.<sup>105</sup>

Iocoama<sup>106</sup> (de *Yokohama*) – cidade japonesa da província de Kagawa.<sup>107</sup>

Meiji (de *meiji*) – designa o início do novo regime com a extinção do xogunato.

Miaco (de *miyako*) – capital.<sup>108</sup>

Nambã(o) (de *namban [jin]*) – nome que, antigamente, os japoneses denominavam os portugueses, holandeses e outros europeus. Literalmente significa “bárbaros do sul”.<sup>109</sup>

Nô (de *no*) – teatro clássico japonês.<sup>110</sup>

Quioto (de *Kyoto*) – cidade do Japão.<sup>111</sup>

Samissé, samissêm (de *s[h]amisen*) – guitarra japonesa de três cordas.<sup>112</sup>

Satsuma (de *satsuma*) – antiga província do Japão na prefeitura de Kagoshima.<sup>113</sup>

Xaca (de *shaka*) – nome que no Japão se dá a Buda.<sup>114</sup>

O professor brasileiro Antero Nascentes acrescenta, ainda, na sua obra *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, nove novos termos de origem nipônica:

Caquemono (de *kakemono*) – pintura japonesa que se pode pendurar e enrolar.<sup>115</sup>

Caqui (de *kaki*) – nome de uma fazenda de algodão cor de barro.<sup>116</sup>

---

<sup>104</sup> O vocábulo não é referido no glossário de Dalgado e no dicionário.

<sup>105</sup> Esta expressão, que segundo Knowlton pode significar Japão, não tem entrada nem no dicionário nem no glossário referido anteriormente.

<sup>106</sup> Actualmente Yokohama.

<sup>107</sup> O vocábulo não aparece no dicionário, pois é um topónimo.

<sup>108</sup> A palavra miaco não se encontra presente nos dicionários de português.

<sup>109</sup> A expressão não tem nenhuma entrada no dicionário.

<sup>110</sup> O termo não consta em nenhum dicionário e Dalgado também não o menciona no seu glossário.

<sup>111</sup> Com Quioto, acontece o mesmo com Yokohama, como é um topónimo não aparece descrito no dicionário.

<sup>112</sup> Samissé não está presente no dicionário.

<sup>113</sup> O vocábulo Satsuma é o mesmo caso de Quioto e Yokohama, como é um topónimo não se encontra no dicionário.

<sup>114</sup> A palavra xaca, na realidade, designa a tribo a que pertenceu o fundador do budismo. E não consta no dicionário do português.

<sup>115</sup> Segundo Dalgado a palavra não aparece no dicionário, mas nos nossos dias, já encontramos a sua entrada.

Gueixa (de *geisha*) – bailarina japonesa que desempenha o papel de hospedeira e dama de companhia.<sup>117</sup>

Iene ou Yen (de *yen*) – moeda japonesa<sup>118</sup>

Jinriquxá (de *jinrikisha*) – pequena carruagem de duas rodas puxada por um homem.<sup>119</sup>

Nandina (de *nandin*) – planta da Ásia.<sup>120</sup>

Nipónico (de *nippon*) – japonês, do Japão.<sup>121</sup>

Saqué (de *sake*) – licor japonês feito de arroz fermentado.

Sen ou sene (de *sen*) – moeda japonesa de cobre.<sup>122</sup>

No *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* de José Pedro Machado podemos ler mais duas palavras:

Jiquiro (de *jikiro*) – caixa em que se transporta comida no Japão.<sup>123</sup>

Judo (de *judo*) – luta defensiva derivada do *jiu-jitsu*, mas menos violenta.<sup>124</sup>

Encontramos ainda, no *Glossário Luso-Asiático* de Dalgado, termos aos quais o autor atribui origem japonesa, e que nenhum outro autor referido acima menciona:

Xiro (de *xiru*) – caldo, sopa. Que segundo Cândido de Figueiredo Xiró designa clado de arroz no Brasil.

Xiquiré (de *xikire*) – chinela de palha do Japão.

Xivalem (de *xihai nin*) – governador duma província no Japão.

Xoia (de *xoya* ou *choya*) – tribunal da justiça no Japão ou governador de Nagasaqui. O autor não está seguro do étimo da palavra.

Zaco (de *jaku*) – supremo sacerdote budista. O significado literal de *jaku* é nirvana.<sup>125</sup>

---

<sup>116</sup> No *Glossário Luso-Asiático* aparece como tendo origem no inglês *khaki* ou no hindustani *khaki*, cujo significado literal da última é “barrento”. O termo não se encontra no dicionário de língua portuguesa.

<sup>117</sup> Em Dalgado surge como não aparecendo no dicionário, mas actualmente a palavra já se encontra no dicionário de português.

<sup>118</sup> Na actualidade encontra-se no dicionário, o que não acontecia aquando do *Glossário Luso-Asiático*.

<sup>119</sup> A palavra não se encontra no dicionário de português.

<sup>120</sup> O vocábulo não é referido no *Glossário Luso-Asiático* nem no dicionário.

<sup>121</sup> O termo não consta do glossário de Dalgado.

<sup>122</sup> O termo não está presente nos dicionários de língua portuguesa.

<sup>123</sup> Hepburn descreve-a como sendo uma “*lunch box*”. Não se encontra nenhuma entrada no dicionário.

<sup>124</sup> A palavra não faz parte da lista que incorpora o *Glossário Luso-Asiático*.

Ainda em Fernão Mendes Pinto, na sua obra a *Peregrinação*, o termo «leque»<sup>126</sup> surge como tendo origem nas ilhas Léquias:

“Ryu-Kyu<sup>127</sup> manteve, desde remotas eras, relações comerciais e outras com a china e com o Japão, sendo alguns dos produtos bastante apreciados. Mendes Pinto conta ter recebido, no Japão, vários presentes de abanos e de abanos léquios. Léquios e ilhas léquias eram os nomes que dávamos então, por corrupção, à gente e às ilhas, do arquipélago de Ryu-Kyu. A denominação de abanos léquios simplifica-se certamente, com o correr dos tempos, para léquios, ou leques; e o termo persistiu para designar os objectos similares.”<sup>128</sup>

Fernando Fonseca afirma, ainda, que o termo português «sacana» poder ter tido origem japonesa. Sabemos que *sakana*, em japonês, significa peixe mas também peixeiro. Pode, por isso, ter passado com um tom pejorativo para o português, como podemos compovar com as palavras de Fonseca:

“O termo português sacana, tão prolífero que dele derivam sacanice e o verbo sacanear, parece igualmente ser de origem japonesa. É sabido que, em japonês, sakana além de «peixe» quer dizer «peixeiro». Nesta última acepção podia ter passado pejorativamente para o português, dado que esta palavra de calão significa, entre outras coisas «mau; pulha; desleal».”<sup>129</sup>

Em suma, a língua portuguesa recebeu do japonês algumas dezenas de vocábulos.

---

<sup>125</sup> Relativamente aos termos que apenas se encontram no *Glossário Luso-Asiático* de Dalgado, apenas zaco consta nos dicionários de português.

<sup>126</sup> No dicionário contemporâneo da língua portuguesa o termo «leque» aparece como tendo origem chinesa das ilhas Léquias.

<sup>127</sup> “O arquipélago (...) Ryu-Kyu. É um grupo de pequenas ilhas, situado a curta distância do Japão, em frente da grande ilha de Kiushu. (...) O arquipélago constituiu um reino independente até ao século XV, quando a dinastia chinesa de Ming o fez seu tributário. No princípio do século XVII, foi conquistado pelo príncipe japonês de Satsuma, o qual anexou ao seu domínio feudal uma parte em semi-independência; e o que ficava de Ryu-Kyu semi independente, começou então a pagar, simultaneamente e pacientemente, tributos à China e tributos ao Japão.

Em 1878, o rei de Ryu-Kyu foi aprisionado e trazido para Tokyo e o país reorganizado como uma prefeitura japonesa, sob a denominação de Okinawa Ken.” (MORAES, Wenceslau de – **Fernão Mendes Pinto no Japão**, p.21).

<sup>128</sup> Apud MORAES, Wenceslau de – **Fernão Mendes Pinto no Japão**, p. 21.

<sup>129</sup> INSTITUTO ORIENTAL – **O Ocidente no Oriente através dos Descobrimentos Portugueses**. Vol. III, p.175.

## **II: O ENSINO DO PORTUGUÊS NO JAPÃO**

### **II.1. A LÍNGUA PORTUGUESA NO JAPÃO**

Como já referimos no capítulo anterior, a primeira língua ocidental com que o Japão teve contacto foi o português. Os portugueses chegaram ao Japão em 1542 ou 1543, mas a maioria dos portugueses que chegaram a terras nipónicas nessa época foram missionários católicos cuja missão principal era propagar o cristianismo.

Raros foram os casos de japoneses aprenderem português, limitando-se apenas a alguns seminaristas, tradutores e intérpretes oficiais do governo.

A expulsão dos portugueses no início do século XVII fez com que o português desaparecesse no solo nipónico. O xogunato de Tokugawa adoptou a política do isolamento e fechou todos os portos no Japão e proibiu a entrada de todos os estrangeiros, excepto os holandeses, chineses e coreanos. Por isso, durante o xogunato, o holandês era a única língua ocidental estudada no Japão.

No final do período do xogunato de Tokugawa, quando o governo abriu os seus portos para navios ocidentais, o holandês foi substituído pelo inglês.

Em 1860 Lisboa volta a estabelecer relações com Tóquio.

Com a Restauração de Meiji em 1868, o Japão começou a caminhar rumo à modernização e adoptou o ensino de língua estrangeira no sistema educacional.

Em 1873, o novo governo funda a escola governamental de línguas estrangeiras em Tóquio, 東京外国語学校 (Tokyo Gaikokugo Gakko), e no ano seguinte mais sete escolas do mesmo género são criadas em Osaka, Nagasáqui, entre outras cidades.

Na escola de Tóquio de línguas estrangeiras, ensinava-se cinco línguas, inglês, francês, alemão, chinês e russo. Em 1900 torna-se uma escola independente e depois da Segunda Guerra Mundial, devido à reforma educacional, em 1949, passa a Universidade de Estudos Estrangeiros de Tóquio, 東京外国語大学 (Tokyo Gaikokugo Daigaku).

No período pós-guerra a universidade oferecia as seguintes línguas: inglês, alemão, mongol, coreano, francês, malaio, tâmil, chinês, espanhol, italiano, russo e português. O curso de português foi criado em 1916, segundo Kono Akira, e em 1919, se-



gundo a embaixada de Portugal no Japão, oito anos depois do início da emigração japonesa para o Brasil.

No Japão, o ensino de outras línguas, à excepção do inglês, só começa no nível universitário.

No país do sol nascente existem faculdades de línguas estrangeiras, que são diferentes das faculdades de letras, as primeiras dedicam-se, exclusivamente, ao ensino de línguas estrangeiras e as suas respectivas culturas.

Actualmente, no ano de 2014, existem cinco departamentos de estudos luso-brasileiros. Em 1916 ou em 1919, foi criado o departamento de português na TUFS, em 1964 na Universidade de Sophia<sup>130</sup>, em 1967 na Universidade de Estudos Estrangeiros de Quioto, 京都外国語大学 (Kyoto Gaikakugo Daigaku), em 1979 na Universidade de Estudos Estrangeiros de Osaka, 大阪外国語大学 (Osaka Gaikokugo Gakko) e, por último, não sabendo a data da sua criação, a Universidade de Estudos Internacionais de Kanda, 神田外語大学 (Kanda Gaigo Daigaku).

Não contando com os cinco departamentos de estudos luso-brasileiros, existem mais 26 universidades que leccionam o português. A língua portuguesa, nestas universidades, é opcional. Podemos assim concluir que na actualidade existem trinta e uma universidades japonesas com o português como língua segunda ou opcional, o que faz um total de alguns milhares de alunos por ano.

O professorado, na área de estudos luso-brasileiros, no Japão é na sua maioria japonês e nem todos são especialistas do ensino de português como língua estrangeira. Os restantes são professores brasileiros e portugueses que possuem um diploma universitário em qualquer área de estudo, não necessariamente em ensino do português, e que estão radicados no Japão por um ou outro motivo. São pessoas dispostas a dar aulas de conversação. No Japão há uma divisão dos papéis entre professores japoneses e professores nativos, o professor português ou brasileiro trabalha o aspecto prático da língua, enquanto o professor japonês trabalha com o aspecto teórico da língua, ou seja, a gramática ou a tradução do português para o japonês.

Os professores japoneses, como já referimos acima, não são especialistas no ensino de português como língua estrangeira, eles têm a sua própria especialidade, como

---

<sup>130</sup> Universidade católica em Tóquio.

por exemplo, história do Brasil, antropologia, economia do Brasil, entre outras. E quanto ao ensino do português “tendem a enfatizar mais o aspecto teórico da língua, ou seja, muita gramática em vez da prática (...) e a repetir a mesma metodologia com que aprenderam o português, e não mostram tanto interesse pela melhoria do ensino da língua”<sup>131</sup>.

Segundo os dados do IPOR, em 2011, havia cerca de cinquenta e dois professores de nacionalidade japonesa, dezanove de nacionalidade brasileira e três de nacionalidade portuguesa.

Quanto aos alunos japoneses que aprendem português, há que salientar o facto que estes começam a estudar a língua portuguesa com uma imagem muito vaga do Brasil e Portugal. Isto torna necessário que o professor dê aos alunos informações sobre o Brasil e Portugal de modo a suscitar interesse pela língua e cultura. Muitos aprendentes japoneses escolhem o português não pelo seu interesse mas sim pelo resultado do exame. Esta é a realidade do ensino do português no Japão.

Apesar dos esforços que o governo português tem feito para a nossa variante ser promovida no Japão, como por exemplo, o concurso de oratória promovido pelo Instituto Camões na Universidade de Estudos Estrangeiros de Quioto, que oferece ao aluno vencedor uma bolsa de estudo para estudar em Portugal, e o envio de panfletos e livros portugueses, o PE fica a perder em relação ao PB.

O PB é a variedade ensinada nas universidades japonesas, não só, devido à sua maior facilidade de aprendizagem, mas também devido à presença da comunidade brasileira no Japão e ao poder económico que o Brasil tem vindo a adquirir nestes últimos anos.

---

<sup>131</sup> XIX SYMPOSIUM ON PORTUGUESE TRADITIONS – Yes, nós temos português – O ensino do português no Japão. p.5.

## **II.2. DIFICULDADES DOS ESTUDANTES JAPONESES NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DO PORTUGUÊS**

Os japoneses, como iremos comprovar, têm dificuldade na aprendizagem de uma língua estrangeira, seja ela qual for.

A língua japonesa, ao contrário das línguas europeias, como o francês e o inglês, remontam a uma família linguística definida, neste caso, o Indo-Europeu, a língua japonesa não tem origem definida. Apesar dos estudos que são realizados por filólogos japoneses, não existe nenhuma evidência que ligue o japonês a qualquer família linguística. Existem algumas teorias quanto à sua origem. A principal delas é a que liga o japonês à família Altaica, da qual fazem parte o Turco e o Coreano.

A língua mais próxima do japonês é o coreano, mas apenas gramaticalmente, pois a estrutura da frase é exactamente a mesma (SOV), mas a fonologia e léxico são muito diferentes.

Este facto da falta de uma família linguística e a falta de semelhanças com qualquer outra língua, dificulta desde logo esse processo de aquisição da língua estrangeira.

Esta dificuldade na aprendizagem de uma língua estrangeira, por parte dos japoneses, apresenta-se também com a língua portuguesa. São muitos os limites apresentados pelos estudantes japoneses na aprendizagem do português.

O professor Kono Akira aponta o pouco conhecimento cultural acerca de Portugal e Brasil como uma das dificuldades de aquisição do português por parte dos estudantes japoneses, “Antes de mais nada, deve-se salientar que na formação intelectual dos alunos japoneses até ao momento da matrícula, a informação sobre o Brasil e/ou Portugal é lamentavelmente escassa”<sup>132</sup>.

Dentre os limites que os aprendentes japoneses apresentam no processo da aquisição da língua portuguesa, destacam-se a pronúncia, a acentuação tónica, a morfologia e a semântica, como explicita, e muito bem, o professor Eliseu Pichitelli no seu texto sobre o estudante estrangeiro e os limites para aprender a língua portuguesa como língua estrangeira.

---

<sup>132</sup> XIX SYMPOSIUM ON PORTUGUESE TRADITIONS – Yes, nós temos português – O ensino do português no Japão. p.5.

No que diz respeito à pronúncia, as dificuldades manifestam-se nos sons nasais, nas vogais abertas e fechadas e na troca do – l pelo – r.

O obstáculo que os estudantes japoneses manifestam, no caso das vogais abertas e fechadas, é a não compreensão na diferença entre o som aberto e fechado, mas sabem a sua diferença na escrita como demonstra Pichitelli, «Quando escrevem, eles sabem que em um caso o acento é o circunflexo e em outro, é o agudo, mas quando falam, há uma tendência muito grande em dizer “minha avô”, quando a sua intenção é dizer “minha avó”»<sup>133</sup>.

Quanto aos sons nasais, como *mãe*, *pão*, entre outros, verificamos que quando pronunciam palavras com –ão, a tendência é para o som sair –m.

A troca do – l pelo – r é um dos erros mais cometidos pelos alunos japoneses, quando estes querem pronunciar palavras com –l, como por exemplo a palavra “laranja”, o som emitido é “raranja”.

Estes obstáculos advêm do facto de na língua japonesa não existirem os sons com vogais abertas, de ser uma língua silábica, ou seja, não têm os dígrafos tão comuns na língua portuguesa e de existirem sons no português, como – l, que no japonês não existem.

A língua japonesa não possui sílabas tónicas e semitónicas, “o japonês possui um tom mais alto e um tom normal”<sup>134</sup>. Por isso, os japoneses, estudantes do português, tendem a pronunciar todas as sílabas de uma palavra com o mesmo tom, tendo como exemplo “agil”, “tragedia” e “açucar”.

Na morfologia encontramos mais dificuldades. Um dos grandes entraves que os estudantes japoneses encontram é o uso do artigo definido e indefinido, quer seja na fala, quer seja na escrita, e também a flexão dos adjectivos em género, pois a língua japonesa não conta com artigos definidos ou indefinidos e tão pouco com a flexão dos adjectivos em género, daí a difícil tarefa da sua aprendizagem.

Resumidamente, os aprendentes apresentam dificuldades na estruturação da frase e conseqüentemente, estas dificuldades reflectem-se no campo sintáctico, como por exemplo a concordância verbal e nominal.

---

<sup>133</sup> PICHITELLI, Eliseu - **Educação e Linguagem: O Estudante Estrangeiros e os Limites para Aprender a Língua Portuguesa como Língua Estrangeira** p.344.

<sup>134</sup> Apud PICHITELLI, Eliseu - **Educação e Linguagem: O Estudante Estrangeiros e os Limites para Aprender a Língua Portuguesa como Língua Estrangeira** p.345.

Há também alguns problemas no emprego dos tempos verbais do perfeito e do imperfeito, já que o japonês apenas tem dois tempos verbais, o presente e o passado.

No campo da semântica, os processos são mais complicados, principalmente devido ao alto grau de dificuldade na compreensão do significado das palavras, nomeadamente nas expressões idiomáticas e nos falsos amigos. Especificamente no caso dos aprendentes japoneses, esta questão nota-se com maior evidência na realização de leituras literais das palavras e quando recorrem ao dicionário nem sempre encontram o significado adequando ao contexto. Para exemplificar esta última situação o professor Eliseu Pichitelli conta uma experiência sua com um dos seus estudantes, que passamos a citar:

“ Um ex-estudante (...) pediu-me para fazer uma correção de um texto (...) ele pretendia dizer claramente que as informações obtidas através daquele questionário não seriam utilizadas por terceiros e também não seriam utilizadas para outros fins que não os do projeto (...) eu escrevi: “ as informações deste questionário não serão utilizadas por terceiros tampouco para outros objetivos que não os do projeto”. Depois de várias mensagens de e-mail dizendo que não era exatamente aquilo que ele queria dizer (...) o modo como eu havia escrito dava a entender que um pouco das informações seriam utilizadas para outras finalidades (...) me dei conta que o problema se encontrava na palavra tampouco”<sup>135</sup>.

Outra razão de dificuldade, que Kono Akira apresenta é a divisão entre o português europeu (PE) e o português do Brasil (PB), pois alguns aspectos do léxico e da gramática são diferentes.

Outro factor que dificulta o processo de aquisição da língua é o preconceito existente entre os japoneses face a elementos vindos do estrangeiro.

Contudo, os japoneses começam a ter maior abertura, pois há cada vez mais contacto com falantes da língua portuguesa, devido ao movimento mencionado anteriormente, *dekasegui*, e assim vão ganhando interesse na cultura luso-brasileira.

---

<sup>135</sup> PICHITELLI, Eliseu - **Educação e Linguagem: O Estudante Estrangeiros e os Limites para Aprender a Língua Portuguesa como Língua Estrangeira** p. 347-348.

### II.3. PROBLEMÁTICAS DO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO JAPÃO

Como já referimos anteriormente, entre as razões pelas quais os alunos japoneses escolhem estudar português, encontramos a seguinte, mencionada pelo professor Kono “casos em que o aluno prestou o vestibular de espanhol e ficou reprovado, e que no ano seguinte tentou sua sorte com o português por ser menos concorrido nesse ano”<sup>136</sup>. Esta era a realidade no Japão até ao fenómeno de emigração de brasileiros para o Japão, o que fez com que houvesse o contacto das duas culturas e línguas despertando o interesse pela língua portuguesa.

O futebol e a música tornaram-se uma das principais razões pelas quais os japoneses aprenderem o português, pois estes dois temas têm suscitado o interesse, tanto por parte de alunos e não alunos, pelo Brasil e Portugal, o que muitas vezes os motiva para viajarem para esses dois países por conta própria e como nos diz Kono Akira “ voltam à sala de aula com ainda maior interesse”.<sup>137</sup>

Estes factores culturais que nos aproximam cada vez mais uns dos outros são muito benéficos e importantes para o ensino da Língua Portuguesa no Japão. Já que é a partir destes que os estudantes e cidadãos japoneses despertam um maior interesse no nosso país, cultura e língua.

Edison Rosa, professor de português nas Universidades de Estudos Estrangeiros de Osaka e de Quioto, no seu artigo sobre o ensino do português no Japão, tem como tema central a pouca transmissão da cultura luso-brasileira nas aulas de língua portuguesa.

O autor começa por afirmar que o país do sol nascente, na aula de língua estrangeira, dá geralmente prioridade à leitura e à tradução de textos, deixando de lado a expressão oral, que é o objecto final do aprendente de uma LE. Este facto também é corroborado pelo professor Kono Akira no seu artigo, *Yes, nós temos português*.

---

<sup>136</sup> XIX SYMPOSIUM ON PORTUGUESE TRADITIONS - *Yes, nós temos português – O ensino de português no Japão*, p. 5.

XIX SYMPOSIUM ON PORTUGUESE TRADITIONS <sup>137</sup>– *Yes, nós temos português – O ensino de português no Japão*, p. 6.

O facto de as aulas de português serem leccionadas por professores japoneses contribuiu bastante para o ensino de uma língua estrangeira continuar a usar menos a compreensão e a expressão orais.

Edison Rosa, em relação à problemática acima referida, declara, e passamos a citar, “ em geral as aulas serem ministradas pelos professores japoneses não na língua estrangeira estudada, mas em puro e simples japonês”<sup>138</sup>, o que na sua opinião não é vantajoso para a aprendizagem do estudante. Os docentes japoneses para facilitar a compreensão e apreensão por parte dos alunos fazem uso do *katakana*, o que faz com que “toda a riqueza da sonoridade, do ritmo e da musicalidade da língua estrangeira é ignorada (...)”<sup>139</sup>. Desta prática do *katakana* temos exemplos como:

アルゲン (Arugén) – Alguém

ボボルタル (Bo borutaru) – Vou voltar

Ao facilitarem o ensino de línguas através deste sistema, estão a criar hábitos aos aprendentes que não são úteis ou apropriadas no convívio com a língua que estão a adquirir.

Já o professor Kono afirma que “o nível do português dos alunos japoneses não é suficiente para acompanhar as aulas dadas em português pelos professores brasileiros”.<sup>140</sup>

Edison Rosa afirma ainda que apenas se dá importância à língua e gramática deixando de lado a cultura, conceito que engloba a história, a política, a religião, o folclore, o clima, as manifestações artísticas de um povo, etc. Algo que se mostra relevante para a total compreensão de uma língua estrangeira, “Ao ignorar a expressão oral, o sistema de ensino de língua estrangeira no Japão acaba deixando de lado o factor mais importante a ela

---

<sup>138</sup> ROSA, Edison – **Encontrando o Equilíbrio entre Gramática, Comunicação e Cultura no Ensino do Português**. p. 296.

<sup>139</sup> ROSA, Edison – **Encontrando o Equilíbrio entre Gramática, Comunicação e Cultura no Ensino do Português**. p. 296.

<sup>140</sup> KONO, Akira – *Yes, nós temos português – O ensino de português no Japão* p. 4

intrinsecamente ligado: a cultura”<sup>141</sup>. O motivo é a falta de contacto dos professores com a cultura da língua que leccionam.

O professor afirma também que existe uma total dissociação entre o ensino de língua e cultura no Japão, pois as aulas de cultura são consideradas como “uma espécie de documentário sobre um povo de hábitos anormais, estranhos e exóticos”<sup>142</sup>. O autor diz-nos, ainda, que a presença de um professor nativo da língua estrangeira não garante que a aula de cultura seja ministrada de maneira coerente. Para isso é necessário que o professor tenha um bom conhecimento da sua própria cultura e da cultura do país onde lecciona de modo a ser capaz de entender e identificar os contrastes existentes entre as duas culturas, para transmitir esse conhecimento de maneira didáctica adequada e prática.

Edison Rosa declara, ainda, que uma língua não existe como entidade autónoma, pois esta só faz sentido quando cumpre a sua função comunicativa. O estudo de uma língua vai muito além da apreensão de vocabulário e de gramática. Sem a contextualização cultural, esta acaba por perder o seu valor prático.

O autor diz-nos que o ensino de uma LE deve levar em conta três aspectos culturais: a cultura informativa, que abrange aspectos geográficos, históricos, religiosos e sociais; a cultura adquirida, que inclui as grandes obras de literatura, a música, as artes plásticas, o cinema, entre outros, e a cultura comportamental, que aborda aspectos do comportamento na vida quotidiana. A última é especialmente importante, pois mostra os diferentes costumes e as diferentes maneiras de interpretar factos, além da influência que, a mesma, exerce sobre a língua.

Aprender a se comunicar, bem, numa língua estrangeira é aprender e assimilar a cultura do povo ou povos onde essa língua é falada. Para atingir esse objectivo, Edison Rosa afirma:

“ O aprendiz deve mergulhar na cultura estrangeira, assimilar seus valores, confrontando e interagindo seu background cultural com os elementos da cultura que está aprendendo”<sup>143</sup>, já o professor “caberia não a tarefa de orientar e facilitar o processo de aprendizagem, proporcionando aos estudantes

---

<sup>141</sup> ROSA, Edison – **Encontrando o Equilíbrio entre a Gramática e Cultura no Ensino do Português**, p.296.

<sup>142</sup> ROSA, Edison – **Encontrando o Equilíbrio entre a Gramática e Cultura no Ensino do Português**, p.296.

<sup>143</sup> ROSA, Edison – **Encontrando o Equilíbrio entre a Gramática e Cultura no Ensino do Português**, p.298.



oportunidades e situações as mais próximas possíveis da realidade social e cultural do país cuja língua está sendo estudada”<sup>144</sup>.

A competência comunicativa e cultural é a melhor forma de avaliar o conhecimento de um estudante de LE, pois o estudante, no caso do português estudado no Japão, não exige o estudo de uma estrutura completamente diferente da do japonês, mas também uma mudança na sua forma de ver o mundo, de se comportar e de se expressar.

Podemos então concluir que no sistema educacional japonês há uma certa desvalorização da cultura nas aulas de português como língua estrangeira.

### **III: A IMPORTÂNCIA DA CULTURA NA AULA DE LÍNGUA ESTRANGEIRA**

#### **III.1. HISTÓRIA DO ENSINO/APRENDIZAGEM DE LE**

Como sabemos, a necessidade de comunicação entre os indivíduos sempre existiu ao longo dos tempos. Desde os povos que começaram a se deslocar e a encontrar outras nações com cultura, língua e identidades diferentes.

Segundo Claude Germain, os primeiros testemunhos de ensino de LE datam de 3300 a.C., com o início da escrita pela civilização suméria<sup>145</sup>.

Os acádios<sup>146</sup> decidiram aprender a língua suméria numa aprendizagem de imersão.

Tal como os anteriores, os egípcios e os gregos optaram por aprender a língua dos países que iam dominando. O ensino das línguas era do tipo reprodutivo, isto é, memorização de frases ditadas que o aluno teria de repetir, desenvolvendo, exclusivamente, a capacidade de saber-redizer.

---

<sup>144</sup> ROSA, Edison – **Encontrando o Equilíbrio entre a Gramática e Cultura no Ensino do Português**, p.298.

<sup>145</sup> Antiga civilização no sul da Mesopotâmia (Idade do Cobre e início da Idade do Bronze).

<sup>146</sup> Habitantes do Império Acádio, um estado mesopotâmico semita do III milénio a.C., e que, por volta, de 2330 a.C. conquistou a Suméria.

Também os romanos começaram a aprender a língua do povo que primeiro conquistaram, a língua grega.

À medida que o Império Romano se ia alargando, o latim começou por se expandir, passando a ser imposto aos povos dominados. O latim viria a ser a língua da cultura, da filosofia, da religião, da administração e da comunicação. Com a queda do Império Romano as línguas nacionais foram gradualmente ocupando o lugar do latim como língua de comunicação.

Os primeiros manuais de língua estrangeira surgiram no século XV e XVI. Trata-se de manuais de ensino da língua francesa e da língua inglesa. O vocabulário e as expressões surgem em diálogos ou textos, com a correspondente tradução em francês ou em inglês.

Nos séculos XVI e XVII, alguns nomes, que viriam a ficar na história da didáctica da LE, surgiram. Entre eles, Roger Asham, Michel de Montaigne, John Locke e Coménio., como nos refere Ana Tavares na sua obra *Ensino/Aprendizagem do Português como Língua Estrangeira*.

Roger Asham, na sua obra *The schoolmaster*, defende o ensino de LE pelo método de tradução e de imitação.

Michel de Montaigne, contemporâneo de Asham, defende o método de contacto directo com os falantes nativos. A aprendizagem da língua, para o autor, implica o conhecimento da cultura, dos costumes e da mentalidade.

Locke foi defensor do chamado método natural, e reafirma o que Montaigne tinha defendido, em que o estudo de uma língua estrangeira terá de ter objectivos comunicativos. Para ele, o processo de aprendizagem da LE deveria ser o mesmo da língua materna.

Coménio afirma que a aprendizagem da língua estrangeira deve ter como referência a LM do aprendente. O autor, tal como Asham, defende o método de tradução e imitação, também conhecido como método tradicional.

O método natural, referido por John Locke, pode ser considerado como o mais antigo e, aquele que, ainda hoje, se pratica fora das salas de aula.

O método tradicional, também denominado de gramática e tradução, teve início com o latim. No entanto, este método tem sido alvo de críticas por parte dos estudiosos,

pois, estes, duvidam da sua sobrevivência numa época em que o objectivo do aprendente da língua é a competência comunicativa.

Nos finais do século XIX surgia o método directo, que segue alguns dos princípios já anteriormente defendidos por Montaigne e Locke, e cujo objectivo principal é desenvolver a competência comunicativa. Segundo este método, o professor deverá utilizar apenas a língua estrangeira que ensina dentro da sala de aula, podendo recorrer ao uso de mímica, imagens ou desenhos.

No século XX, surge nos Estados Unidos da América o método audiovisual.

A eclosão da Segunda Guerra Mundial fez surgir nos EUA a necessidade da aprendizagem, principalmente de aspectos orais, da língua dos povos aliados e também dos inimigos.

O método audiovisual apoia-se em exercícios de memorização. Outras características do método são: o uso intenso de materiais visuais e auditivos, o uso exclusivo da língua estrangeira na sala de aula e a ausência de explicações gramaticais.

Este método foi bem – sucedido em vários contextos, especialmente no treino nas forças militares no uso de LE, mas a popularidade do método decresceu nos anos 60 do século XIX devido ao limitado poder de promover a habilidade comunicativa.

No início dos anos 80 do último século as pesquisas concentraram-se na diferença entre aquisição e aprendizagem de uma língua.

Krashen<sup>147</sup> caracterizou aquisição como um processo subconsciente que resulta na construção de competências para o uso de uma língua enquanto a aprendizagem consistiria na construção do conhecimento sobre a língua. Nessa perspectiva, a aquisição da linguagem seria melhor sucedida e duradoura do que a sua aprendizagem, como nos afirma Harmer<sup>148</sup> na sua obra *The practice of English language teaching*.

Krashen sugeriu que a aprendizagem de uma segunda língua ou de LE deveria ocorrer de modo o mais semelhante possível à aprendizagem que uma criança faz da LM. O autor defende que não se ensina língua à criança. Ela está exposta ao uso da língua diariamente e também está colocada em situações de comunicação com adultos. A sua construção gradual de competência no uso da língua depende de uma série de pro-

---

<sup>147</sup> Professor Emérito da Universidade da Califórnia em Los Angeles.

<sup>148</sup> Jeremy Harmer é professor e dedica-se à escrita sobre o ensino do inglês.

cessos subconscientes resultados do *input* que recebe do exterior e das experiências que o acompanham.

O conceito de *input* é chave na proposta de Krashen para o ensino de LE.

Os alunos devem estar expostos a um nível linguístico um pouco acima do que eles podem produzir mas ainda dentro dos limites da sua compreensão. Ao fazer isto na aula os professores estão a facilitar o desencadeamento de processos inconscientes que levariam os estudantes à aquisição da LE.

Os trabalhos de Krashen inspiraram Tracy Terrell<sup>149</sup> na idealização da abordagem natural. Esta abordagem procura um ambiente natural de uso da língua estrangeira na sala de aula.

A abordagem natural, como nos diz Harmer, é coerente, quando ocorre com estudantes em intercâmbio e adquirem a LE em interacção com a comunidade que fala o idioma. Mas apresenta insuficiências na sua aplicação na aula. Uma das principais críticas é a dificuldade em determinar o nível de *input* para cada grupo de estudantes.

Como afirma Valéria Moura Venturella<sup>150</sup> no seu artigo *Uma Breve História do Ensino das Línguas Estrangeiras*, os fundamentos da abordagem comunicativa começaram a ser construídos com a abordagem nocional-funcional. Esta abordagem foi proposta como um fundamento para a estrutura dos currículos em LE. Embora não garantissem o desenvolvimento das competências comunicativas, como afirma Brown, na sua obra *Teaching by principles: an interactive approach to language pedagogy*, lançaram as bases necessárias para o desenvolvimento da abordagem comunicativa.

Assim, entre o final dos anos 80 e o início dos anos 90 do século XX, iniciou-se o desenvolvimento das abordagens que passaram a privilegiar as propriedades comunicativas de uma língua, e os trabalhos na sala de aula passaram a se caracterizar pela procura de autenticidade e de actividades significativas que preparassem o aluno para o acto da fala. Foi o início dessa procura que ficou conhecida como abordagem comunicativa.

---

<sup>149</sup> Professora da Universidade da Califórnia em San Diego.

<sup>150</sup> Professora dos cursos de Pedagogia e Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

A abordagem comunicativa, segundo Douglas Brown<sup>151</sup> “é um conjunto de princípios e crenças unificado, porém fundamentado em amplas bases teóricas sobre a natureza da linguagem e de seu ensino e aprendizagem”<sup>152</sup>.

O autor oferece, ainda seis características principais do ensino comunicativo, sendo as seguintes:

- “- A complementaridade entre a busca de correcção formal e de fluência;
- A busca da integração dos elementos da competência comunicativa;
- O envolvimento dos estudantes em interações espontâneas e genuínas, ou seja, no uso pragmático, autêntico, funcional da linguagem;
- A preparação dos estudantes para se comunicar na língua estrangeira nas mais variadas situações fora da sala de aula;
- A compreensão, por parte dos estudantes, de seus estilos de aprendizagem e o desenvolvimento de estratégias que lhe permitam um aprendizado autónomo;
- O professor colocado como facilitador e condutor dos processos em sala de aula, e não como detentor de conhecimento.”<sup>153</sup>.

Esta abordagem faz uso de princípios consolidados por outros métodos e abordagens, como técnicas de descoberta para o ensino de conteúdos estruturais, o trabalho em pares ou grupos para praticar novos itens de linguagem.

A abordagem comunicativa é equilibrada no sentido de evitar privilegiar qualquer tipo de aspectos da competência comunicativa e dá igual importância à correcção formal e à fluência de uma língua.

Os objectivos desta abordagem são, levar o estudante a se comunicar completamente no idioma estrangeira e prepará-los para reflectir sobre como aprendem e como podem fazer melhor uso do seu estilo de aprendizagem.

A principal preocupação da abordagem comunicativa é fazer do aprendente o protagonista do processo de aquisição de uma LE.

O que hoje se procura, e segundo Brown<sup>154</sup>, é promover a aprendizagem da fluência da língua e a sua correcção formal, como também auxiliar os aprendentes a compreender as características sociais, culturais e pragmáticas da língua que estão a estudar.

---

<sup>151</sup> Professor Emérito na Universidade de São Francisco.

<sup>152</sup> Apud VENTURELLA, Valéria Moura – **Uma Breve História do Ensino de Línguas Estrangeiras**, p. 12.

<sup>153</sup> VENTURELLA, Valéria Moura – **Uma Breve História do Ensino de Línguas Estrangeiras**, p.12.

### III.2. CONCEITO DE CULTURA

Como sabemos o termo cultura não tem uma definição fechada, admitem-se várias perspectivas e definições que fazem deste um termo integrador, complexo e variado.

O conceito de cultura alterou-se várias vezes ao longo da história da humanidade, adquirindo diferentes matizes segundo a época.

Marvin Harris, um antropólogo norte-americano, afirma que a cultura é um conjunto de tradições, estilos de vida e modos de pensar, actuar e sentir aprendidos ou adquiridos socialmente. Segundo ele, os padrões culturais que caracterizam uma sociedade aprendem-se graças à convivência em determinado grupo. As práticas culturais do outro, muitas vezes, podem parecer estranhas, irracionais e inexplicáveis. No entanto, Harris considera que por muito diferente possa parecer uma cultura, há sempre uma explicação para as suas características:

“The cultural practises of other people often seem strange, irrational, and even inexplicable to outsiders. In fact, the members of the culture in question may be unable to give a rationally satisfying explanation of why they behave as they do: they may say that «the gods wish it so» or that «it’s always done that way». Yet a fundamental assumption of social science is that no matter how peculiar or even bizarre human cultures may appear, they can be understood at least in part”<sup>154</sup>.

Na mesma linha de pensamento surge também Giddens, que afirma que “cultura consiste em valores que os membros de um determinado grupo têm, as normas que seguem, e os bens materiais que criam”.

Os valores e as normas de comportamento variam entre as culturas. Sociedades pequenas tendem a ser culturalmente uniformes, mas sociedades industrializadas são diversas culturalmente, envolvendo numerosas subculturas.

Erickson defende o que se chama cultura invisível, aquela que é aprendida e ensinada inconscientemente. Esta cultura é a que usamos no nosso dia-a-dia e por isso ela torna-se habitual. Os nossos hábitos tornam-se, na maioria, invisíveis para nós mesmos. Assim, a cultura move-se para dentro e para fora da nossa consciência. Nós não pensamos muito sobre a estrutura e características da nossa cultura quando a vivemos.

---

<sup>154</sup> Na obra *Teaching by principles: na interactive approach to language pedagogy*.

<sup>155</sup> Apud MOREIRA, Alice Carla Oliveira – **A componente cultural na aula de Espanhol/Língua Estrangeira**, p.10.

A cultura visível, por sua vez, é bem fácil de identificar, como a forma de vestir, a língua utilizada, factores climáticos e geográficos, entre outros.

Erickson afirma ainda que todas as pessoas têm cultura, apesar de as culturas serem diferentes. Todas as pessoas e grupos sociais possuem e usam cultura como uma ferramenta para a condução da actividade humana. Isto significa que a cultura é de todos nós.

Baseados no conceito de cultura invisível, Gumperz, Hymes e Erickson, fazem a distinção entre comunidade linguística e comunidade de fala. Indivíduos de uma mesma comunidade linguística partilham o conhecimento do sistema de sons, de gramática, vocabulário e de uma língua. Contudo, dentro de uma mesma comunidade linguística, existem várias comunidades de fala, que são pessoas que partilham modos de polidez, tópicos de interesse e maneiras de responder a outros. Normalmente as diferenças entre as comunidades linguísticas são visíveis, mas as diferenças entre as comunidades de fala são invisíveis.

Há ainda autores que definem cultura como forma de identidade de uma sociedade, e como modo que os indivíduos se comportam e pensam em relação ao mundo que os rodeia.

Lourdes Miquel e Neus Sans, em 1992, distinguem três tipos de cultura, a cultura com maiúsculas; a cultura com minúsculas e a cultura com K.

A cultura com maiúsculas corresponde ao sentido tradicional de cultura, ou seja, o saber enciclopédico, a literatura, a história, a arte, etc. Esta é também designada por cultura culta, pois não é dominada por todos os falantes.

A cultura com minúsculas refere as atitudes, conhecimentos hábitos partilhados por uma mesma sociedade. Todos os indivíduos os conhecem, partilham e actuam em conformidade com eles, ainda que estes não estejam escritos. Miquel considera essencial a aprendizagem da mesma no processo de aquisição de uma língua.

A cultura com K corresponde ao conhecimento utilizado em determinados contextos ou sectores da população, como o calão, e que não é partilhado por todos os falantes.

Mais tarde, Miquel, em 2002, apresenta-nos um esquema que reproduz mais claramente o conceito de cultura, no qual considera como mais importante a chamada cultura com minúscula:

“Toda la cultura seria como un árbol. La parte central, la que conforma y constituye el árbol, por donde transcurre la savia que lo nutre, seria la cultura directamente relacionada com la lengua (antes llamada com minúscula), la que conformaría el componente sociocultural, la parte compartida por todos, mucho más estable en el tiempo”<sup>156</sup>.

O entendimento dos aspectos relacionados à cultura, são fundamentais para a realização de uma comunicação de sucesso entre pessoas pertencentes a diferentes comunidades linguísticas. A sensibilização do aprendiz para a cultura invisível da sua própria comunidade e para as outras culturas é, no nosso parecer, uma necessidade para que tenhamos alunos competentes comunicativamente.

### **III.3. O ENSINO DA CULTURA NA HISTÓRIA DA DIDÁCTICA DE LÍNGUA ESTRANGEIRA**

Sabemos que aprender uma LE é muito mais que aprender o seu sistema linguístico.

A linguagem é um facto social, aprendemos e ensinamos o código associado às suas possíveis acções. Considera-se assim linguagem, sociedade e cultura interligados.

A associação entre os conceitos de língua e de cultura não é nova, vemos que já em 1957 Robert Lado chamava a atenção para a importância da cultura na aprendizagem de uma língua.

Porém, até aos finais dos anos setenta, vemos que a componente cultural está totalmente afastada dos programas educativos para o ensino de línguas, uma vez que o método tradicional considera que o ensino de LE deve-se centrar nos aspectos gramaticais, lexicais e linguísticos, e que o estudo da cultura se deveria introduzir nos níveis mais avançados. Esta ideia é defendida por Llorenç Miquel:

“En los enfoques tradicionales y estructurales, la cultura se concebía como algo accesorio, que debía tener una presencia obligatoria en los materiales, pero cuya función era la de mero adorno o ilustra-

---

<sup>156</sup> Apud MOREIRA, Alice Carla Oliveira – **A componente cultural na aula de Espanhol/Língua Estrangeira**, p.11.



ción (...) los contenidos culturales que se insertaban en los manuales eran una sucesión de estereótipos de la cultura legitimada de cada país.”<sup>157</sup>.

Os conteúdos culturais só seriam trabalhados quando os alunos estivessem preparados para abordar os textos literários, considerados a cultura por excelência. Os alunos aprenderiam, assim, os aspectos culturais de uma língua através da leitura de textos informativos e literários, contactando com o saber enciclopédico e recusando-se o contacto com textos reais que incluíssem as situações comunicativas do dia-a-dia.

A partir da década de 70 e, sobretudo, na década de 80 a aprendizagem de LE está orientada para a comunicação, isto é, o aluno aprende uma língua para conseguir comunicar-se nessa língua.

A competência comunicativa supõe algo mais do que o domínio gramatical e do vocabulário. Entendemos que para falar uma língua não basta conhecer essa língua, mas também os aspectos socioculturais dos países onde ela é falada. Isto é, desenvolver conhecimento que permita ao falante de uma língua estrangeira evitar os mal-entendidos e os choques culturais no momento em que se confronta com a necessidade de comunicar essa língua.

Podemos assim afirmar que o correcto ou apropriado de um acto comunicativo não está unicamente regido por regras gramaticais, mas, sobretudo, por comportamentos socioculturais.

A partir da década de 90, consolida-se a inclusão dos aspectos socioculturais no ensino de línguas. Pretende-se que os alunos não só aprendam a língua mas também a contextualizem. Língua e cultura consideram-se, assim, completamente indissociáveis, como podemos comprovar com a afirmação de Porter e Samovar:

“Um língua é um sistema de símbolos aprendido, organizado e geralmente aceito pelos membros de uma comunidade. É usado para representar a experiência humana dentro de uma comunidade geográfica ou cultural. Obejtos, eventos, experiências e sentimentos têm um nome específico unicamente porque uma comunidade de pessoas decidiu que eles assim se chamariam. Por ser um sistema inexacto de representação simbólica da realidade, o significado das palavras está sujeito a uma variada gama de interpretações”<sup>158</sup>.

Podemos, assim, concluir, que educação e cultura estão interligadas. Forquin chega mesmo a afirmar que uma não é nada sem a outra:

---

<sup>157</sup> Moreira, Alice Carla Oliveira – **A componente cultural na aula de Espanhol/Língua Estrangeira**, p. 12.

<sup>158</sup> SARMENTO, Simone – **Ensino de cultura na aula de língua estrangeira**, p. 3.

“(...) a cultura é o conteúdo substancial da educação, sua fonte e sua justificação última: a educação não é nada fora da cultura e sem ela. Mas, reciprocamente, dir-se-á que é pela e na educação, através do trabalho paciente e continuamente recomeçado de uma tradição docente que a cultura se transmite e se perpetua: a educação realiza a cultura como memória viva... Isto significa que a educação e cultura aparecem como duas faces, rigorosamente recíprocas e complementares, de uma mesma realidade: uma não ser pensada sem a outra e toda a reflexão sobre uma desemboca imediatamente na consideração de outra”<sup>159</sup>.

Ao falar de ensino da cultura na história da didáctica de LE não podemos deixar de falar do ensino do Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas. O QECR é um projecto do Conselho da Europa.

Este documento é fundamental para orientar o ensino, aprendizagem e avaliação de línguas estrangeiras na Europa.

No que se refere ao uso social da língua, o QECR confere-lhe um papel bastante relevante, considerando que o aprendiz de línguas é também um estudante de culturas, por isso deve desenvolver duas competências, a linguística e a cultural.

Um dos objectivos do ensino-aprendizagem de línguas é proporcionar o entendimento, a tolerância e o respeito frente às identidades e à diversidade cultural por meio de uma comunicação internacional mais eficaz.

O QECR defende a necessidade de desenvolver, nos alunos de língua, uma consciência e uma destreza interculturais que lhes permita entender o outro e as outras culturas de forma a melhor a convivência entre gentes diversas e com visões diferentes do mundo.

O QECR distingue competências gerais e competências comunicativas da língua. Com o termo de competências gerais descreve os saberes que constituem a competência intercultural de um falante de línguas.

Este documento menciona uma lista de temas que se poderão relacionar com a abordagem sociocultural de qualquer língua, sendo as seguintes: a vida quotidiana, as condições de vida, as relações interpessoais, os valores, as convenções sociais e, por último, os comportamentos rituais.

---

<sup>159</sup> Apud OLIVEIRA, Dulce; SEQUEIRA, Rosa Maria – **A Interculturalidade na Escola e as Narrativas de Expressão Oral**, p.17.

O Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas refere-se também à importância do aprendente em adquirir uma consciência intercultural que “inclui a consciência da diversidade regional e social dos dois mundos”<sup>160</sup>.

O documento põe ainda em destaque a importância de envolver o aluno na construção do seu saber, observando a nova cultura incorporando-a aos seus conhecimentos e modificando-os quando necessário. A partir daqui, o aprendente de LE deverá aceder a distintos conhecimentos que façam dele um falante capaz de comunicar eficaz e adequadamente num contexto real, fazendo o melhor uso das oportunidades que se lhe oferecem:

“Num sentido muito lato, a competência de aprendizagem é a capacidade para observar e participar em novas experiências e incorporar o conhecimento novo nos conhecimentos anteriores, modificando estes últimos onde for necessário. As capacidades para aprender uma língua desenvolvem-se ao longo da experiência da aprendizagem. Essas capacidades permitem ao aprendente lidar de forma mais eficaz e independente com os desafios da aprendizagem de uma língua, observar as opções existentes e fazer melhor uso das oportunidades. A capacidade de aprendizagem tem várias componentes: a consciência da língua e da comunicação; as capacidades fonéticas; as capacidades de estudo; as capacidades heurísticas”<sup>161</sup>.

O QECR constitui um instrumento fundamental no ensino-aprendizagem de LE, pois para além de referir a importância de se abordar os conteúdos socioculturais de uma língua, dá orientações sobre os aspectos a trabalhar e abordar numa aula de LE.

---

<sup>160</sup> MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas – Aprendizagem, ensino, avaliação, p.150.

<sup>161</sup> MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas – Aprendizagem, ensino, avaliação, p.154.

### III.4. ANÁLISE DE MANUAIS DE PLE – CONTEÚDOS CULTURAIS

Como já referimos anteriormente, a aquisição de uma competência comunicativa implica a tomada de consciência dos valores culturais da sociedade da língua-alvo. O carácter sociocultural é imprescindível no ensino de qualquer língua.

O *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas* (QECR) defende também a relevância que os elementos culturais assumem na aprendizagem de uma língua. Aqui encontramos os conteúdos culturais divididos em dois grupos, o conhecimento do mundo e o conhecimento sociocultural. O primeiro é um conhecimento que engloba aspectos políticos, económicos e geográficos, o segundo é um conhecimento dos aspectos característicos da sociedade da língua alvo, tais como, a vida quotidiana, condições de vida, relações interpessoais, valores, crenças, atitudes, convenções sociais, comportamentos rituais e linguagem corporal. Em relação ao último o QECR ainda acrescenta:

“Estritamente falando, o conhecimento da sociedade e da cultura da(s) comunidade(s) onde a língua é falada é um dos aspectos do conhecimento do mundo. É, no entanto, suficientemente importante para merecer uma atenção especial, uma vez que, ao contrário de muitos aspectos do conhecimento, parece provável que este conhecimento fique fora da experiência prévia do aprendente e seja distorcido por estereótipos”<sup>162</sup>.

Neste sentido, decidimos dar a conhecer os conteúdos culturais, presentes nos manuais de PLE, e se os mesmos estão adequados ao nosso público-alvo, aprendentes japoneses.

Os manuais *Português XXI 1* e *Na Onda do Português 1* são usados no ensino do português como língua estrangeira no Japão, pelo menos na Universidade de Estudos Estrangeiros de Tóquio, pelos professores portugueses que aí leccionam. Por isso decidimos fazer destes dois livros o nosso corpus, sendo dos manuais mais usados no ensino do português como língua estrangeira. Ambos os manuais por nós seleccionados tratam do nível elementar (A1).

O manual *Português XXI 1* (ver anexo 4 na pág.64) é bastante inovador, pois não faz só a transmissão de conhecimentos linguísticos mas também a apresentação e abordagem de conteúdos culturais. Como podemos verificar, o manual proporciona, na con-

---

<sup>162</sup> MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas – Aprendizagem, ensino, avaliação*, p. 148.

tracapa, um suplemento que faz uma breve apresentação de alguns aspectos culturais. Vejamos que a primeira página do suplemento mostra algumas palavras e expressões úteis no dia-a-dia. Estas estão acompanhadas com imagens, o que nos permite conhecer aspectos culturais, tais como a linguagem corporal. As mesmas estão, ainda, acompanhadas de uma tradução em inglês (ver anexo 5 na pág.65), que para o nosso público-alvo não é muito útil, pois os japoneses, em geral, não são fluentes em inglês.

A outra parte do suplemento é um mapa-mundo onde estão assinalados os países que têm como língua oficial o português (ver anexo 6 na pág.66), o que consideramos bastante relevante para que o aprendiz adquira a consciência da lusofonia.

Este suplemento pode funcionar como uma introdução ao estudo da língua portuguesa, mobilizando, assim, os alunos para a recuperação de ideias preconcebidas eliminando possíveis estereótipos. Certamente por isso, a autora explorou desde início alguns valores culturais.

De acordo com os princípios da abordagem comunicativa, todas as unidades do manual encontram-se acompanhadas de fotografias referentes aos textos e actividades. Há uma articulação entre as estruturas gramaticais, conteúdos comunicativos e os documentos autênticos presentes no livro.

Ao observar os textos, logo nos apercebemos que os mesmos contêm conteúdos socioculturais, seja através da apresentação de lugares históricos e tradições ou pelas imagens que os acompanham (ver anexo 7 na pág.67).

No que concerne a uma aprendizagem intercultural, encontramos algumas actividades relativas a esse aspecto, onde se pede para comparar a cultura portuguesa com a cultura do aluno, com o objectivo de não cairmos no erro de criarmos estereótipos.

Relativamente ao recurso de documentos autênticos, a autora usou suportes iconográficos, como fotografias, imagens e mapas (ver anexo 8 na pág. 68).

Podemos verificar, uma preocupação por parte da autora em abordar determinados aspectos socioculturais.

Como podemos confirmar, os aprendentes têm a oportunidade de conhecer diversos factos da cultura portuguesa, desde locais históricos, tradições e festividades, a vida quotidiana e comportamentos sociais.

O manual *Na Onda do Português 1* (ver anexo 9 na pág. 69) proporciona uma unidade 0, que possibilita um primeiro contacto com a cultura portuguesa. A primeira actividade apresenta uma selecção de imagens, algumas delas de monumentos e personalidades portuguesas, pedindo aos aprendentes para as identificarem com Portugal (ver anexo 10 na pág.70). A última actividade é semelhante à primeira, mas acrescenta expressões e imagens relacionadas com a cultura portuguesa, como bolo-rei, bacalhau, galo de Barcelos outros, o que requer um conhecimento mais profundo da nossa cultura (ver anexo 11 na pág. 71).

O objectivo das autoras em fornecer esta unidade 0 será, certamente, para advertir para diferentes valores culturais e tentar banir qualquer tipo de preconceito, assim como acontece no livro anteriormente analisado.

Neste manual, tal como no *Português XXI 1*, os textos estão acompanhados de imagens. Algumas dessas imagens estão relacionadas com a cultura portuguesa.

As autoras tiveram uma maior preocupação em dar a conhecer aos estrangeiros personalidades portuguesas (ver anexo 12 na pág.72), pois ao longo do livro encontramos várias imagens, actividades e textos relacionados com as mesmas, o que não acontece no manual anteriormente por nós analisado. Promove-se assim todo o tipo de cultura, como o desporto, a literatura, a música, entre outros.

No que diz respeito ao recurso de documentos autênticos, as autoras fazem uso de fotografias, mapas e imagens, assim como o *Português XXI 1*.

O que difere este livro do manual anterior é o recurso a textos autênticos de jornais e revistas portuguesas (ver anexo 13 na pág. 73), como também textos de escritores portugueses, como a Sophia de Mello Breyner, privilegiando, assim, a literatura portuguesa (ver anexo 14 na pág. 74). Dá-se deste modo a conhecer aos japoneses outros autores portugueses e não apenas Camões e Fernando Pessoa.

*Na Onda do Português 1* é um manual bastante completo pois existe uma harmonia entre os conteúdos gramaticais, linguísticos e culturais. Proporciona, tanto ao aprendente como ao professor, um ensino da língua portuguesa que preza a comunicação intercultural.

Concluimos, assim, que os conteúdos culturais ocupam um lugar de destaque ao longo dos manuais, estabelecendo uma articulação adequada entre os diferentes conteúdos necessários na abordagem. *Português XXI 1* e *Na Onda do Português 1* possibilitam

a otimização da comunicação e dos conteúdos linguísticos, destacando-se também a importância dos aspectos socioculturais.

## CONCLUSÃO

Nesta dissertação abordámos a história e o ensino da língua portuguesa no Japão, desde da chegada dos primeiros portugueses a terras nipónicas até à sua actualidade. Começámos por dar a conhecer a sua entrada no país do sol nascente e como esta presença se manteve até aos dias de hoje. Explicitámos o contexto do ensino do português como língua estrangeira no Japão na actualidade.

Hoje em dia, há um domínio do português do Brasil no ensino da língua, devido, principalmente, ao movimento *dekasegui*. O importante é que Portugal consiga transmitir a sua língua de forma cativante e inovadora, de forma a incentivar os alunos a procurarem estudar e interessar-se pela língua e cultura portuguesas.

As dificuldades e problemáticas que encontramos no ensino de PLE no Japão impedem uma boa aquisição da língua por parte dos aprendentes japoneses. Os professores têm de trabalhar com as ferramentas de que dispõem, de modo, a que os alunos obtenham um bom aproveitamento. Apesar dos esforços realizados pelo Instituto Camões e pela Embaixada de Portugal no Japão, julgamos necessário haver uma cooperação mais intensa entre os dois países nesse sentido.

Outro factor, considerado por nós de grande importância para uma aprendizagem adequada de uma língua é a cultura, acreditamos que o professor deve ter um conhecimento prévio da sua própria cultura e da cultura do país da língua que lecciona. Ao ter este cuidado irá criar mais empatia e maiores capacidades no ensino da língua por parte dos alunos como também para si próprio, pois pode adaptar o seu método de ensino, para que este vá de encontro às necessidades e interesses dos seus aprendentes. Acreditamos, também, assim como os professores, que os manuais de PLE devem conter conteúdos culturais para uma melhor aquisição por parte do estudante. Decidimos, então, elaborar uma análise a manuais de PLE, a nível cultural.

O principal objectivo a atingir com a apreciação feita é contribuir, do ponto de vista do ensino/aprendizagem de LE, para um ensino inovador e moderno, isto é, um ensino que tenha como objectivo final a comunicação.

A avaliação dos manuais, nomeadamente, *Português XXI 1* e *Na Onda do Português 1* não recaiu apenas nos conteúdos culturais, mas também como estes se articulam com as estruturas gramaticais, conteúdos comunicativos e os documentos



autênticos presentes nos livros. Procuramos ainda reflectir sobre a adequação dos manuais analisados para o ensino a estudantes japoneses.

Nesta linha de pensamento, os manuais devem assumir-se como veículo de transmissão da língua, cultura e imagem de um país.

O nosso estudo permite observar uma preocupação por parte das autoras dos manuais em promover a nossa cultura, com a finalidade de atingir uma comunicação adequada entre um estrangeiro e um falante nativo.

Confiamos com a realização desta dissertação ter dado a conhecer um pouco melhor a situação do ensino do português no Japão e a sua história. Finalmente, esperamos que o ensino da língua portuguesa no país do sol nascente continue a avançar e a adaptar-se para que no futuro o possamos considerar como um ensino inovador.

## BIBLIOGRAFIA

ALISSON, Elton – **Língua portuguesa pode voltar a despertar interesse no Japão**. Agência FAPESP [Em linha] (2012). [Consult. Agosto 2014] Disponível em WWW: <URL: <http://agencia.fapesp.br/16222>>.

ARAÚJO, Gabriel Antunes – **A Língua Portuguesa no Japão**. São Paulo: Anais do I SIMPLELP, 2008.

ASSIS, Joziane Ferraz de – **A Cultura na Aula de Espanhol como Língua Estrangeira: Relato de Experiência. Educação em Destaque** [Em linha]. ISSN: 1983-6686, vol.1, nº2 (2008), p.102-113 [Consult. Dezembro de 2014] Disponível em WWW: <URL: [http://www.cmjf.com.br/revista/ed\\_selecionada.php?id\\_revista=5](http://www.cmjf.com.br/revista/ed_selecionada.php?id_revista=5)>.

ASSOCIAÇÃO DE AMIZADE PORTUGAL-JAPÃO; INSTITUTO DOS ARQUIVOS NACIONAIS - TORRE DO TOMBO – **Da Cruz de Cristo ao Sol Nascente: um encontro do passado e do presente**, [Lisboa]: IAN-TT, AAPJ D.L., 1998. ISBN: 9728107374.

COLÓQUIO INTERNACIONAL – **O Cristianismo no Japão**. Lisboa: CHAM: CEPCEO: AAJP, 1999.

COSTA, João Paulo Oliveira e – **A Descoberta da Civilização Japonesa pelos Portugueses**. [s.l.]: Instituto Cultural de Macau; Instituto de História de Além-Mar, 1995. ISBN: 9723501694.

COSTA, João Paulo Oliveira e – **O Japão e o Cristianismo no século XVI: Ensaio de História Luso-Nipônica**. Lisboa: Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1999. ISBN: 9729326258.

COSTA, João Paulo Oliveira e – **Portugal e Japão: o século Nambam**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1993. ISBN: 9722705660

COUTINHO, Valdemar – **O Fim da Presença Portuguesa no Japão**. Lisboa: Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1999. ISBN: 9729932624X.

DALGADO, Sebastião Rodolfo – **Glossário Luso - Asiático**. Hamburg: Helmut Buske, 1928.

DALGADO, Sebastião Rodolfo – **Influência do Vocabulário Português em Línguas Asiáticas: abrangendo cerca de cinquenta idiomas**. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1913.

EMBAIXADA DE PORTUGAL NO JAPÃO – **Português no Japão – Língua Portuguesa Lecionada nas Universidades Japonesas** [Em linha]. [Consult. Outubro de 2014] Disponível em WWW: <URL:<http://embaixadadeportugal.jp/pt/lingua-portuguesa/portugues-no-japao/>>.

FERREIRA, Ana Maria Bayan; BAYAN, Helena José – **Na Onda do Português 1**. 2ªed. Lisboa: Lidel, 2011. ISBN:9789727578092.

FONSECA, Fernando Venâncio Peixoto da – **A Influência da Língua Portuguesa no Vocabulário Japonês**. Boletim Mensal da Sociedade de Língua Portuguesa. Lisboa: Soc. Astória. (1968),

FONSECA, Fernando Venâncio Peixoto da – **O Português entre as Línguas do Mundo: (Situação. História. Variedades)**. Coimbra: Livraria Almedina, 1985, p. 278-281.

FRÓIS, Luís – **História de Japam**. Lisboa: Biblioteca Nacional, vol. I, 1976, p.22.

FRÓIS, Luís – **Historia de Japam**. Lisboa: Biblioteca Nacional, vol. IV, 1976, p. 228-229 e 406-407.

GUERREIRO, Gonçalo Filipe Ferro – **Acção Didáctica e Competência Comunicativa em Manuais de Português Língua Estrangeira**. Lisboa, 2012. Tese de Mestrado.

GUZMÁN, Luis de - **Historia de las misiones que han hecho los religiosos de la Compañia de Iesus para predicar el sancto Euangelio en los reynos de Iapon** [monografia em PDF]. Alcalá: Biuda de Iaun Gracian, 1601.

HENSHALL, Kenneth G. – **História do Japão**, Lisboa: Edições 70, 2005. ISBN: 9724412547.

INSTITUTO ORIENTAL – **O Ocidente no Oriente através dos Descobrimentos Portugueses**. Vol. III (1992), p. 173 – 202.

INSTITUTO PORTUGUÊS DO ORIENTE; SALDANHA, António Vasconcelos de – **Namban: memórias de Portugal no Japão**. Lisboa: IPOR – Instituto Português do Oriente, 2005.

JANEIRA, Armando Martins; CANAVARRO, Pedro – **O impacto português sobre a civilização japonesa: seguido de um epílogo sobre as relações entre Portugal e o Japão do século XVII aos nossos dias**. 2ª ed. Lisboa: Dom Quixote, 1988.

KIM, Tai Whan – **The Portuguese element in Japanese: A critical survey with glossary**. Coimbra, 1976. Tese de Doutoramento.

LAGES, Mário Ferreira; MATOS, Artur Teodoro de – **Portugal: Percursos de Interculturalidade** [monografia em PDF]. Lisboa: ACIDI, vol. III, 2008, p.432-485. ISBN: 9789898000583.

LOPES, David – **A Expansão da Língua Portuguesa no Oriente durante os séculos XVI, XVII e XVIII**. 2ªed. Porto: Portucalense, 1969.

LOUREIRO, Rui – **Os Portugueses e o Japão no século XVI – Primeiras Informações sobre o Japão**. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses do Ministério da Educação, 1990.

MARQUES, Alfredo Pinheiro – **A Cartografia Portuguesa do Japão (séculos XVI – XVII) : Catálogo das Cartas Portuguesas**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1996. ISBN: 9722708155.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – **Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas – Aprendizagem, ensino, avaliação**. Lisboa: Edições ASA, 2001. ISBN: 9789724127460.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA DO JAPÃO - **Number of foreign nationals registered by nationality** [Em linha]. 2011 [Consult. Outubro de 2014]. Disponível em WWW: <URL:<http://www.moj.go.jp/ENGLISH/IB/ib-01.html>>.

MORAES, Wenceslau de – **Fernão Mendes Pinto no Japão**. 3ª ed. Lisboa: Vega, 1993. ISBN: 9726994136.

MORAIS, Venceslau de – **Os Serões no Japão**. 2ªed. Lisboa: A. M. Pereira, 1973.

MOREIRA, Alice Carla Oliveira – **A Componente cultural na aula de Espanhol/Língua Estrangeira**. Porto, 2013. Tese de Mestrado.

NOVASKI, Elisa; WERNER, Maristela Pugsley – **Abordagem cultural na aula de língua estrangeira**. **Revista de Letras** [Em linha]. ISSN: 2179-5282 vol.14, nº 1

(2011), p.1-13. [Consult. Novembro de 2014] Disponível em WWW: <URL: <http://revistas.utfpr.edu.br/ct/rl/index.php/rl/article/view/55/48>>

OLIVEIRA, Dulce; SEQUEIRA, Rosa Maria – **A Interculturalidade na Escola e as Narrativas de Expressão Oral**. Lisboa, 2012, p.12-30. ISBN: 9789727577989.

PICHITELLI, Eliseu – Educação e Linguagem: O Estudante Estrangeiro e os Limites para Aprender a Língua Portuguesa como Língua Estrangeira. 東京外国語大学論集 (**Area and Culture Studies**) [Em linha]. Tóquio. ISSN: 04934342. Nº80 (2010), p.339-352. [Consult. Setembro de 2014] Disponível em WWW: <URL: <http://repository.tufs.ac.jp/handle/10108/59889>>.

ROCHA, Íris Daniela Andrade Amaral – **Português para Alunos Japoneses: Proposta Didática**. Lisboa, 2013. Tese de Mestrado.

ROSA, Edison – Encontrando o Equilíbrio entre a Gramática e Cultura no Ensino do Português. In JALT CONFERENCE PROCEEDINGS – **Waves of the Future** [Em linha] Osaka: JALT publications, 2002. ISBN: 4-901352-06-7.p.295-300. Disponível em WWW: <URL: <http://jalt-publications.org/proceedings/articles/220-jalt2002-proceedings-contents-listing>>.

SARMENTO, Simone – **Ensino de cultura na aula de língua estrangeira: Revista Virtual de Estudos da Linguagem** [Em linha]. ISSN: 1678-893 Vol.2, nº2, (2004). p.1-20 [Consult. Novembro de 2014] Disponível em WWW: <URL: [http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel\\_2\\_ensino\\_de\\_cultura\\_na\\_aula\\_de\\_lingua\\_estrangeira.pdf](http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_2_ensino_de_cultura_na_aula_de_lingua_estrangeira.pdf)> [monografia em PDF].

TAVARES, Ana – **Ensino/Aprendizagem do Português como Língua Estrangeira**. Lisboa: Lidel, 2008. ISBN: 9789727575183.

TAVARES, Ana – **Português XXI 1 – Livro do Aluno**. 2ªed. Lisboa: Lidel, 2012. ISBN: 9789727579273.

VENTURELLA, Valéria Moura – Uma Breve História do Ensino de Línguas Estrangeiras. **Scrib** [Em linha]. Scrib (2010), p.1-15. [Consult. Dezembro de 2014] Disponível em WWW: <URL: <https://pt.scribd.com/doc/27065702/Uma-Breve-Historia-do-Ensino-de-Linguas-Estrangeiras#scribd>>.

XIX SYMPOSIUM ON PORTUGUESE TRADITIONS – **Yes, nós temos português – o ensino do português no Japão**. Los Angeles: University of California, 1998.

## ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1	
Fotografia de Biombos Namban.....	61
Anexo 2	
Fotografia de uma espingarda.....	62
Anexo 3	
Carta do Japão de Luís Teixeira.....	63
Anexo 4	
Capa do Manual <i>Português XXI 1</i> .....	64
Anexo 5	
Suplemento de Palavras e Expressões.....	65
Anexo 6	
Mapa dos Países de Língua Oficial Portuguesa.....	66
Anexo 7	
Unidade 9 do Manual <i>Português XXI 1</i> .....	67
Anexo 8	
Unidade 7 do Manual <i>Português XXI 1</i> .....	68
Anexo 9	
Capa do Manual <i>Na Onda do Português 1</i> .....	69
Anexo 10	
Unidade 0 do Manual <i>Na Onda do Português 1</i> .....	70
Anexo 11	
Unidade 0 do Manual <i>Na Onda do Português 1</i> .....	71
Anexo 12	
Unidade 1 do Manual <i>Na Onda do Português 1</i> .....	72



Anexo 13

Unidade 11 do Manual *Na Onda do Português 1* .....73

Anexo 14

Unidade 13 do Manual *Na Onda do Português 1* .....74

## ANEXOS

### Anexo 1

Fotografia de Biombos Namban

Fonte: Museu Nacional de Arte Antiga



## Anexo 2

Fotografia de uma espingarda (Teppo, como os japoneses lhe chamavam)

Fonte: CERJACK - Vikingsword





### Anexo 3

Carta do Japão de Luís Teixeira in Theatrum Orbis Terrarum de Abraham Ortelius, datada de 1595

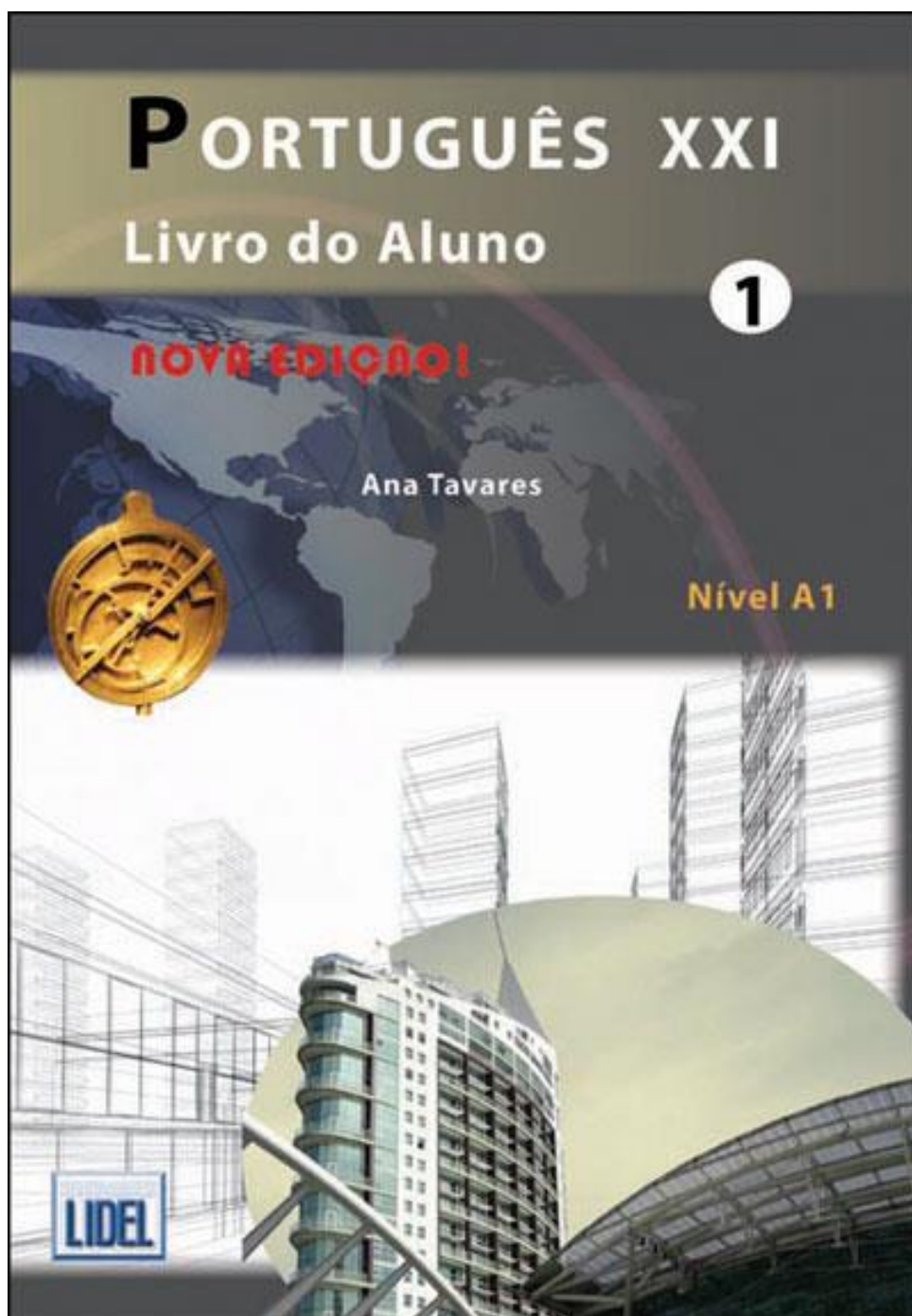
Fonte: SILVA, Palminha Joaquim – Carta de Évora



Anexo 4

Capa do Manual *Português XXI 1*

Fonte: TAVARES, Ana – **Português XXI 1 – Livro do Aluno.**





## Anexo 5

### Suplemento de Palavras e Expressões

Fonte: TAVARES, Ana – **Português XXI 1 – Livro do Aluno.**

**PALAVRAS E EXPRESSÕES**  
Words and Phrases

<p><b>Sim</b> Yes</p> 	<p><b>Não</b> No</p> 	<p><b>Obrigado / Obrigada</b> Thank you</p> 	<p><b>De nada</b> You're welcome</p> 
<p><b>Bom dia</b> Good morning</p> 	<p><b>Boa tarde</b> Good afternoon</p> 	<p><b>Boa noite</b> Good evening</p> 	
<p><b>Olá</b> Hello</p> 	<p><b>Até logo</b> See you later</p> 	<p><b>Adeus</b> Goodbye</p> 	
<p><b>Desculpe</b> Excuse me</p> 	<p><b>Faz favor... / Por favor...</b> Please</p> 	<p><b>Puxe</b> Pull</p> 	<p><b>Empurre</b> Push</p> 
<p><b>Fechado</b> Closed</p> 	<p><b>Aberto</b> Open</p> 	<p><b>Entrada</b> Entrance</p> 	<p><b>Saída</b> Exit</p> 
<p><b>Não falo português</b> I don't speak portuguese</p> 	<p><b>Não compreendo</b> I don't understand</p> 	<p><b>Pode repetir?</b> Can you repeat?</p> 	

## Anexo 6

### Mapa dos Países de Língua Oficial Portuguesa

Fonte: TAVARES, Ana – **Português XXI 1 – Livro do Aluno.**





Unidade **9**

**B. Festas especiais**



**1. O Natal**

O Natal é uma data muito especial. Os portugueses gostam de oferecer presentes a vários membros da família e também aos seus amigos. No Natal gasta-se muito dinheiro, mas o importante é reunir a família: pais, filhos, avós, tios, primos. Ninguém deve ficar sozinho. Até às 19:00 horas do dia 24, muitos portugueses procuram os presentes de última hora. O movimento nas ruas é enorme. Tudo tem de estar preparado para a noite de Natal.

Na noite do dia 24, a família junta-se para a ceia de Natal: bacalhau cozido com batatas e legumes, para os mais tradicionais; mas também há famílias que preferem peru. Para a sobremesa, a mesa enche-se de doces: fatias douradas, farófias, filhoses, bolo-rei e muitos outros. Come-se muito e também se bebe bastante. Mais tarde, vem o momento que todos esperam: a troca de presentes. No dia 25, a festa continua com um almoço que também tem de ser especial. A família reúne-se mais uma vez e passa umas horas de convívio alegre, com todos sentados a uma mesa cheia. Mas as crianças preferem passar o dia a brincar com os brinquedos que o Pai Natal lhes ofereceu.

Ler e compreender





151





## Sigam as instruções!

**Ler 4.**

Évora é uma cidade de origem romana que mais tarde foi ocupada durante 5 séculos por muçulmanos. Podemos, ainda hoje, encontrar as influências destas duas culturas.

No centro da cidade de Évora, que se encontra rodeado por muralhas romanas, há várias igrejas e monumentos para visitar.

O João é um escuteiro de Lisboa. Este fim de semana estão a acampar num local perto de Évora. Ele tem 11 anos e pertence aos exploradores. O dirigente dos exploradores divide os jovens em pequenos grupos de 5 elementos para fazer um jogo de pista. Cada grupo (patrulha) recebe um papel com instruções que tem de seguir.




**Mapa de Évora**



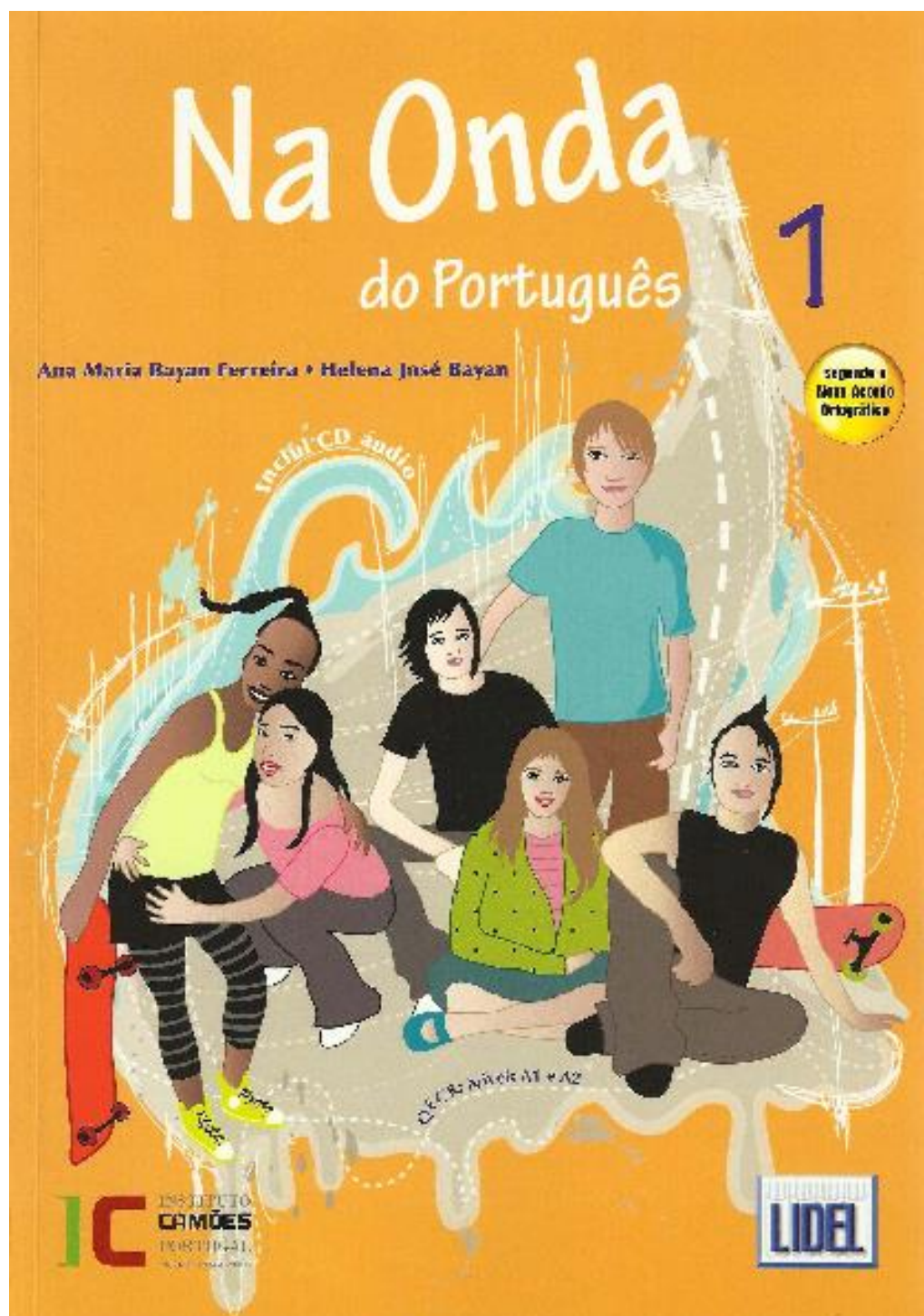
122

68

Anexo 9

Capa do Manual *Na Onda do Português 1*

Fonte: FERREIRA, Ana Maria Bayan; BAYAN, Helena José – **Na Onda do Português 1**.





Anexo 10

Unidade 0 do Manual *Na Onda do Português 1*


Fonte: FERREIRA, Ana Maria Bayan; BAYAN, Helena José – **Na Onda do Português 1**, p.10.

**UNIDADE 0**

**Atividade 1**

Identificar

A. Quando se fala em cultura, vem-nos uma série de imagens à mente. Que imagens relacionas com Portugal?

1  ☐

2  ☐

3  ☐


4  ☐

5  ☐


6  ☐

7  ☐


8  ☐

9  ☐

10  ☐

11  ☐

12  ☐

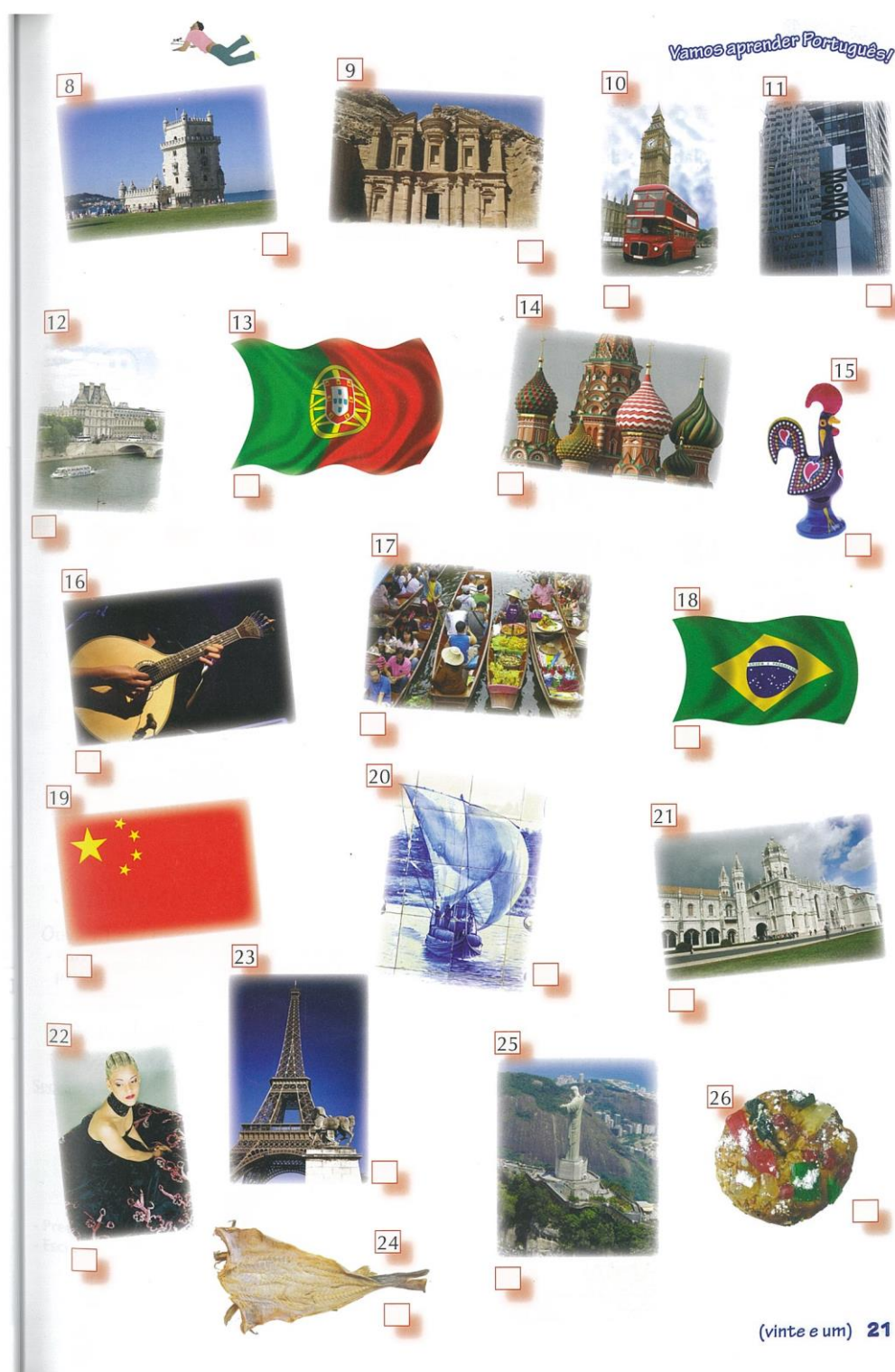
13  ☐

**10** (dez)

Anexo 11

Unidade 0 do Manual *Na Onda do Português 1*

Fonte: FERREIRA, Ana Maria Bayan; BAYAN, Helena José – **Na Onda do Português 1**, p.21.



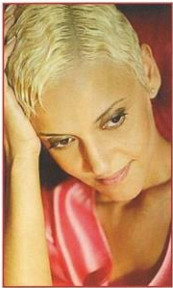
Fonte: FERREIRA, Ana Maria Bayan; BAYAN, Helena José – **Na Onda do Português 1**, p.40.

**UNIDADE 1**

**B. Constrói diálogos com o teu colega.**  
Segue o exemplo:


**Exemplo:**  
A: Quem é ela?  
B: Ela é a Mariza.  
A: Quantos anos tem a Mariza?  
B: Tem 35 anos.

**1**




Mariza / 35 anos

**2**




Jorge Palma / 59 anos

**3**




Catarina Furtado / 37 anos

**4**




Nelson Évora / 25 anos

**5**



Luís Figo / 37 anos


**6**



Fátima Lopes / 44 anos

**C. Ouve e lê o seguinte texto.**

**O Pedro**



Cá estou eu! Olá! Eu sou o Pedro Soares. Sou português e sou aluno do 9º ano, da turma A da Escola Básica 2.3 de Nuno Gonçalves. Moro em Lisboa com os meus pais e irmãos. Tenho 15 anos e tenho dois irmãos.

**40** (quarenta)



Fonte: FERREIRA, Ana Maria Bayan; BAYAN, Helena José – **Na Onda do Português 1**, p.191.



### Atividade 3

Ouvir / Ler / Escrever

A. Ouve e lê o texto.

### Estudantes gelados

No ano passado, as férias de Natal do João Lovita, da Inês Murteira, da Irina Boteta e da Andreia Cardoso, todos entre os 17 e os 18 anos, foram diferentes.

No dia 25 de dezembro, partiram para a Antártica, o sítio mais frio do planeta.

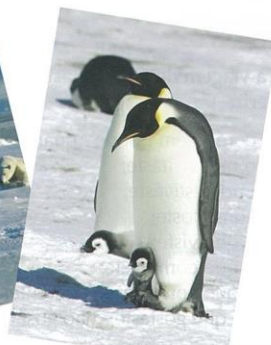
Como é que conseguiram? Inscreveram-se no concurso "À Descoberta das Regiões Polares" e ganharam. Foram os alunos do secundário que apresentaram os melhores trabalhos entre centenas de propostas. Porém, a característica que o júri mais valorizou, a par da originalidade, foi o rigor científico com que os trabalhos descreveram a Antártica. Afinal "O Latitude 60!", projeto do Comité Português para o ano internacional polar em que se inseriu o concurso, teve por objetivo ensinar aos mais jovens a Ciência das Regiões Polares.

Os vencedores fizeram trabalhos muito diferentes uns dos outros. A Inês apresentou um cartaz científico; a Irina escreveu uma história; outros construíram uma página na Internet e outros fizeram um programa de televisão.

*In Visão Júnior nº 43(adaptado)*

B. Preenche o quadro com informações do texto.

Quando?	Onde?	O quê?	Quem?	Porquê?



(cento e noventa e um) 191

## Anexo 14

### Unidade 13 do Manual *Na Onda do Português 1*

Fonte: FERREIRA, Ana Maria Bayan; BAYAN, Helena José – **Na Onda do Português 1**, p. 213.



Um episódio de verão

Dizia-se “Vai ali um peixe” e já não se via nada. Mas as vinagreiras passavam \_\_\_\_\_, majestosamente, abrindo e fechando o seu manto roxo. E os caranguejos \_\_\_\_\_ por todos os lados com uma cara furiosa e um ar muito apressado. (....)

Sophia de Mello Breyner, *A Menina do Mar*  
Porto, Figueirinhas, 2001



#### B. Descreve.

A casa	
O jardim	
A praia	

#### C. Lê o texto.



(...) o rapazinho da casa branca adorava as rochas. Adorava o verde das algas, o cheiro da maresia, a frescura transparente das águas. E por isso tinha imensa pena de não ser um peixe para poder ir ao fundo do mar sem se afogar. E tinha inveja das algas que baloiçavam ao sabor das correntes com um ar tão leve e feliz.

Em setembro veio o equinócio. Vieram as marés vivas, ventanias, nevoeiros, chuvas, temporais. As marés altas varriam a praia e subiam até à duna. Certa noite, as ondas gritaram tanto,

uivaram tanto, bateram e quebraram-se com tanta força

na praia, que, no seu quarto caiado da casa branca, o rapazinho esteve até altas horas sem dormir. As portadas das janelas batiam. As madeiras do chão estalavam como madeiras de mastros. Parecia que as ondas iam cercar a casa e que o mar ia devorar o Mundo. E o rapazito pensava que, lá fora, na escuridão da noite, se travava uma imensa batalha em que o mar, o céu e o vento se combatiam. Mas por fim, cansado de escutar, adormeceu embalado pelo temporal.

Sophia de Mello Breyner, *A Menina do Mar*  
Porto, Figueirinhas, 2001

(duzentos e treze) **213**